

Movimentos Dialógicos do Self em Psicoterapia

Maickel Andrade dos Santos

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção
do grau de Mestre em Psicologia sob orientação do
Prof. Dr. William B. Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre, setembro de 2007.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

AGRADECIMENTOS

Ao professor William Gomes, pelo incentivo ao meu crescimento intelectual e apoio incondicional.

Aos participantes desta pesquisa, pela boa vontade e paciência.

Aos membros da banca examinadora, que se dispuseram a colaborar com seus conhecimentos para a produção de uma pesquisa relevante e séria.

Aos colegas do Laboratório de Fenomenologia Experimental e Cognição, pelo convívio e discussões instigantes.

Aos meus amigos, em especial à Ana Raquel e ao Alexandre, pelos momentos de descontração e pela valiosa ajuda.

Aos meus pais, Antonio e Izabel, e meu irmão, Marcel, pelos ensinamentos e pelo carinho.

À Sayonara, pelo afeto, apoio e companheirismo, mas também pelas críticas e cobranças.

SUMÁRIO

Resumo	7
Abstract	8

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO	9
1.1. Diferentes <i>Selves</i>	9
1.2. O Self Dialógico	11
1.2.1. Ramificações e Desenvolvimentos da Teoria.....	14
1.2.2. Instrumentos Desenvolvidos	18
1.2.3. Críticas ao Self Dialógico e ao Repertório de Posições Pessoais.....	19
1.2.4. Self Dialógico: Uma Teoria da Multiplicidade Sistêmica.....	21
1.3. Justificativa	22
1.4. Objetivo.....	23
1.5. Expectativas	23

CAPÍTULO II

MÉTODO	24
2.1. Participantes	24
2.2. Instrumentos	25
2.3. Procedimentos.....	27
2.4. Delineamento	27

CAPÍTULO III

RESULTADOS.....	29
3.1. Análise Quantitativa.....	29

3.2. Discussão Preliminar dos Resultados da Análise Quantitativa.....	33
3.3. Análise Qualitativa.....	36
3.3.1. A Matriz de Posições Internas e Externas	37
3.3.2. A Matriz de Valorações e Afetos	41
3.4. Discussão Preliminar dos Resultados da Análise Qualitativa (Interpretação Fenomenológica).....	46

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO	50
4.1. O RPP é sensível à situação de psicoterapia?	50
4.2. Quais pressupostos da teoria do self dialógico foram reforçados, e quais foram enfraquecidos?	52
4.3. A teoria do self dialógico é realmente uma teoria do self ou de identidades?.....	52
4.4. Quais os limites dos resultados obtidos no estudo?	53
4.5. Considerações Finais	54
REFERÊNCIAS.....	55

ANEXOS

ANEXO A: Lista padronizada de posições internas e externas.....	58
ANEXO B: Questões para gerar valorações	60
ANEXO C: Lista de termos afetivos	61
ANEXO D: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Grupo clínico)	62
ANEXO E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Grupo Não-clínico)	63
ANEXO F: Exemplos de Trechos das Transcrições Realizadas	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. <i>Dados Sóciodemográficos dos Participantes da Amostra</i>	24
Tabela 2. <i>Exemplo ilustrativo da disposição dos dados da Matriz de Posições Internas e Externas</i>	26
Tabela 3. <i>Escore do EFN e suas 4 dimensões e resultados do Teste t de Student</i>	29
Tabela 4. <i>Valores de Dialogicidade obtidos para os Grupos Clínico e Não-Clínico e resultados do Teste t de Student</i>	31
Tabela 5. <i>Correlações significativas entre as variáveis estudadas</i>	33
Tabela 6. <i>Descrição dos participantes da análise qualitativa</i>	37
Tabela 7. <i>Perfis Narrativos dos Grupos Clínico e Não-clínico</i>	48

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Exemplo de seqüências de eventos com e sem uma estrutura narrativa subjacente.....	11
Figura 2. Localização das somas utilizadas no cálculo da dialogicidade	30
Figura 3. Representação de diferentes posições externas no self dialógico	35
Figura 4. Esquema os temas presentes na matriz de posições internas e externas	48
Figura 5. Processos e comportamentos envolvidos na resposta ao RPP e os níveis em que ocorrem	51

Resumo

A noção de um self descentralizado, múltiplo, narrativo e dialógico vem despertando a atenção dos pesquisadores em psicoterapia. Trata-se de um self dinâmico nas relações entre as muitas posições que o compõem. O objetivo foi avaliar o quanto essa idéia colabora na compreensão e intervenção em psicoterapia. Para tanto, 40 pessoas responderam em voz alta o Repertório de Posições Pessoais (RPP), 20 delas em tratamento (grupo clínico) e 20 sem tratamento psicológico (grupo não-clínico). A análise quantitativa incluiu a proposta de uma medida de dialogicidade baseada nos resultados do instrumento. A análise qualitativa incluiu a formação de perfis narrativos. O grupo clínico apresentou escores significativamente mais baixos de dialogicidade, e um perfil narrativo com fala truncada, descontinuidades e temas de conflito, quando comparado ao grupo não-clínico. O RPP mostrou-se sensível ao processo psicoterápico. O procedimento adicional de fala em voz alta foi adequado como acesso aos movimentos dialógicos do self.

Palavras-chave: self dialógico; psicoterapia; narrativa.

Abstract

Dialogical movements of the self in psychotherapy: an evaluation of the Personal Position Repertoire as an instrument for diagnosis in psychotherapy

The notion of a descentered, multiple, narrative and dialogical self currently draws the attention of psychotherapy researchers. This self is dynamic in the relations between the various positions which constitute it. The objective was to evaluate to which extent this idea contributes in comprehension and intervention in psychotherapy. Therefore, 40 people answered to the Personal Position Repertoire (PPR), 20 of them under treatment (clinical group) and 20 without treatment (non-clinical group). The quantitative analysis included the proposal of a dialogicity measure based on the instrument's data. The qualitative analysis included the formation of narrative profiles. The clinical group had significantly lower dialogicity scores and a narrative profile with speech discontinuity and conflict themes, when compared to the non-clinical group. The PPR was sensible to the psychotherapeutic setting. The additional procedure of speaking aloud was adequate to access the dialogical movements of the self.

Keywords: dialogical self; psychotherapy; narrative.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Conceitos de self são largamente utilizados na prática psicológica. Historicamente, esses conceitos compartilham algumas características comuns, como a concepção de um self centralizado, estático e estrutural. Recentemente, porém, houve uma mudança nesse padrão, com a idéia de um self descentralizado, narrativo e em movimento. A teoria do self dialógico, surgida nesse contexto, é uma perspectiva contemporânea do termo, e tem entre seus desdobramentos a construção de um instrumento, o Repertório de Posições Pessoais (RPP). É a partir desse referencial que o presente trabalho será desenvolvido. O objetivo da pesquisa foi avaliar o quanto a teoria e seus desdobramentos práticos efetivamente colaboram para a compreensão e a intervenção dentro do *setting* psicoterápico. O trabalho constitui-se do levantamento de posições ou vozes do self e uma averiguação de um índice de dialogicidade entre elas.

1.1. Diferentes *Selves*

O conceito de self, desde seu surgimento, tem desempenhado papel central em diversas teorias psicológicas. A primeira sistematização do uso do termo veio com William James (1890/1990), com a divisão do self em quatro partes: o self material, que abrange desde o corpo até as propriedades de um indivíduo; o self social, que provém da imagem que outras pessoas têm deste indivíduo; o self espiritual, composto de suas faculdades psíquicas; e o ego puro, considerado o senso de “mesmidade”, a partir do qual existe o senso de continuidade da experiência consciente. Enquanto as três primeiras partes do self constituem o “mim”, que é conhecido, o ego puro constitui o “eu”, que conhece. Assim, para James o self, como conhecimento que alguém tem de si mesmo, implica em uma dualidade entre “eu” e “mim”. James ressalta a dificuldade no estabelecimento entre o que é “mim” e o que é “meu”, apontando para o fato de que algum objeto ou característica pode, em um dado momento, fazer parte de qualquer uma das duas classificações. O conteúdo do self é flutuante, e em sua forma mais ampla, engloba tudo o que alguém poderia chamar de “meu”.

Ao longo do século XX, diversas outras concepções de self proliferaram, como a junguiana, a fenomenológica-existencial e a freudiana, esta última chamada de eu (DeSouza, 2005). Paralelamente a tais correntes de pensamento, o comportamentalismo ofereceu uma explicação do ser humano sem a necessidade de conceitos “mentalistas”. Em decorrência de

tal ambição, o estudo do self foi deixado de lado, sob a alegação da impossibilidade de seu escrutínio científico.

Estudos nas últimas duas décadas sobre consciência, porém, trouxeram uma nova visão sobre o self, buscando a análise científica dos fenômenos mentais evitados anteriormente, conjugando filosofia, psicologia e neurociência (DeSouza, 2005). Os estudos de Damásio (2000) constituem um exemplo ilustrativo de tal tendência. O autor, integrando achados provenientes de estudos com indivíduos portadores de lesões cerebrais, propôs os conceitos de self autobiográfico e proto-self. O primeiro é constituído a partir do conteúdo da memória autobiográfica e seria responsável pelo senso de identidade consciente, um produto das ativações recorrentes de padrões neurais relacionados a esse processo. O segundo é resultado do mapeamento constante da estrutura física do organismo, também realizado através de conjuntos de padrões neurais, embora nunca se torne consciente. Assim, duas características especialmente importantes na conceitualização do self estão presentes: a relação com o conceito de consciência e a ligação direta com os processos corporais. Trata-se de uma tentativa de superação da antiga dicotomia mente-corpo, pela via da neurociência. Ocorre uma busca de evidências dentro do escopo metodológico dos estudos de caso e da análise de correlatos neurais do pensamento.

A análise de outro tipo de correlato do pensamento, o discurso narrativo, resultou na teoria do self dialógico. Narrativa, aqui, deve ser entendida como uma estratégia humana básica para lidar com os conceitos de tempo, processo e mudança (Herman, 2003). Sua definição mais ampla é a do relato organizado de uma sequência de eventos. Tais eventos, porém, precisam ser contados de uma forma lógica, onde um leva ao outro, formando uma estrutura subjacente (ver figura 1). O processo narrativo, portanto, é uma atribuição de ordem e significado ao mundo, paralela ao procedimento científico. Bruner (1986) distingue estes tipos de pensamento respectivamente como narrativo e paradigmático, igualando-os em importância no pensamento humano.

As idéias que deram origem a essa abordagem específica provêm originalmente da crítica literária, englobadas por teorias científicas a partir da noção de que a formação de significados na vida cotidiana seguiria mais ou menos diretamente o mesmo padrão da produção textual. Contar histórias, sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o que nos rodeia é assim uma atividade cognitiva de extrema importância, e igualmente complexa. Ela daria conta de duas atividades centrais para a sobrevivência de uma espécie que vive em bandos desde seus primórdios: a organização da experiência humana e a socialização dessas experiências (Mithen, 1996).

Exemplo 1	A batalha tinha acabado. A batalha era iminente. O combate foi travado.	Há uma seqüência de eventos, mas não há relação narrativa estabelecida entre eles. Relações lógicas podem ser estabelecidas (ex: as três sentenças referem-se a situações de guerra).
Exemplo 2	A batalha era iminente. Então, o combate foi travado. Conseqüentemente, a batalha acabou.	Há uma seqüência de eventos, com uma estrutura narrativa subjacente. Esta estrutura é mediada pela presença de certas formas lingüísticas (então, conseqüentemente) e pela ordem das sentenças. Relações lógicas de outra ordem tornam-se possíveis (ex: um combate precisa ser travado para que uma batalha iminente tenha fim).

Figura 1. Exemplo de seqüências de eventos com e sem uma estrutura narrativa subjacente (adaptado de Herman, 2003).

O ato de contar histórias não se refere apenas a relatos factuais. O exercício da imaginação é fundamental. A combinação de elementos de forma original e inédita é uma possibilidade importante, e encontra-se no cerne do pensamento abstrato, tanto artística quanto cientificamente. Uma narrativa deve obedecer a regras próprias de consistência interna, mas essas regras podem diferir substancialmente daquelas que regem o mundo natural. As relações com a ordem natural podem ser abstratas e indiretas, expressando a capacidade básica para o pensamento criativo (Mithen, 1996). A possibilidade de generalização das propriedades de um objeto para outro, que guarda semelhanças com o primeiro, é um exemplo de processo que depende da imaginação na criação de regras abstratas. Em síntese, a narrativa atribui sentido ao mundo e esse sentido é criado por um exercício de imaginação.

1.2. O Self Dialógico

Uma recente concepção que se apresenta como tentativa de superação da dicotomia cartesiana entre o self e o outro é a teoria do self dialógico (Hermans, Kempen & Van Loon, 1992). A idéia de um self individualista e auto-contido é criticada, sob o argumento de que reedita o dualismo cartesiano, na divisão entre self e outro (Hermans, 2003). Abordando a questão do self do ponto de vista epistemológico do construcionismo, os autores utilizam-se de dois alicerces teóricos principais: a teoria de William James (1890) e a noção de novela polifônica de Mikhail Bakhtin. Proveniente da teoria de James vem a distinção entre “eu” e

“mim” e a ênfase na continuidade da experiência do self. A novela polifônica de Bakhtin, por sua vez, consiste na noção, desenvolvida através dos estudos da obra literária de Fiódor Dostoyevski (1821-1881), na qual o autor dá voz aos personagens. Cada personagem aparece com suas próprias características conflitantes, de forma independente, não havendo uma unidade sob a visão do escritor. A existência de vozes diferentes e simultâneas implica na concepção de espacialidade (de onde falam as vozes), e, conseqüentemente, na possibilidade de um diálogo entre elas. Para Hermans (2003), Bakhtin dá ênfase à descontinuidade, diante da multiplicidade de vozes divergentes. Nesse novo contexto, a diferença entre relações lógicas e dialógicas é revisitada. O exemplo fornecido por Hermans para ilustrar a diferença é o de duas frases idênticas. A relação lógica entre elas seria de identidade, devido a serem iguais. Já a relação dialógica entre elas seria de concordância. A razão para essa constatação é que, se levadas em consideração enquanto enunciados proferidos por pessoas em comunicação, as frases são diferentes, pois a primeira seria uma constatação e a segunda uma confirmação. Assim, relações dialógicas complementam o significado de relações lógicas.

Combinando as idéias de Bakhtin e Dostoyevski, Hermans e colegas (1992) definiram o self dialógico como “uma multiplicidade dinâmica de posições do ‘eu’ relativamente autônomas em uma paisagem imaginária” (p. 28). O eu circula entre essas diversas posições, espacialmente situadas, e imaginativamente dota-as de voz, possibilitando o diálogo entre elas. Cada voz, como um personagem, pode estabelecer narrativas sobre seu respectivo mim, e esse diálogo incessante e multifacetado constitui um self narrativamente estruturado e descentralizado (Hermans, 2001a).

O aspecto narrativo é de extrema importância para a concepção de Hermans e colegas (1992). Uma das conseqüências disso é a ênfase na capacidade imaginativa do self, pois apenas com a imaginação torna-se possível formar diferentes histórias para cada posição em que circula o “eu” (Hermans & Kempen, 1993).

A crítica à dicotomia indivíduo-sociedade torna-se evidente na distinção entre posições internas e externas. Por posições internas, são entendidas aquelas que se referem às diferentes facetas de um indivíduo (por exemplo, o papel de mãe), enquanto posições externas são aquelas referentes a pessoas de seu convívio social (por exemplo, um colega de trabalho). À primeira vista, essa diferenciação parece reeditar a oposição entre indivíduo-sociedade, apenas transposta ao self. Porém, dois argumentos contrariam essa idéia. O primeiro diz respeito à capacidade imaginativa. Um indivíduo pode dotar posições externas de vozes formadas quase totalmente por conteúdo imaginado, sem a necessidade de uma correspondência com a realidade (Hermans, 1996). O segundo refere-se ao foco da teoria. O

interesse não é na caracterização de posições, mas nas relações entre as posições (Gonçalves & Salgado, 2001).

Diante de um self descentralizado, os autores prevêm momentos de unidade transitórias, não considerados propriedades *a priori*, e sim estados provisórios. Portanto, o self é um sistema cujo funcionamento visa à unidade, através das relações dialógicas entre suas posições, embora tal estado nunca seja atingido de forma mais duradoura. A transitoriedade das relações entre as posições segue alguns padrões, implicando na existência de hierarquias. Hermans (2001a) salienta que o diálogo entre as posições é pontuado por relações de poder e dominação, ocasionando a existência de hierarquias momentâneas. As relações entre as posições podem inclusive tornar-se estereotipadas, com a exclusão de algumas delas do diálogo, caso o eu não consiga circular entre elas.

O monitoramento entre posições leva ao surgimento da metaposição. Segundo Hermans (2001b), em determinados momentos, é possível para o eu assumir uma posição com características especiais, que contribui mais do que as outras para uma integração e unidade do repertório de posições do self. Dentre as características dessa posição, encontra-se a obtenção de certo distanciamento em comparação com o resto do repertório que possibilita a inter-relação de posições, como parte da história pessoal do indivíduo. A meta-posição também permite o vislumbre da direção da mudança dentro do self, bem como a avaliação da importância das posições dentro de uma perspectiva teleológica. Há uma separação do fluxo de experiências, o que posiciona o indivíduo como autor que se enxerga como ator nas diversas situações de vida. O desenvolvimento de uma meta-posição ocorre através do treino, da psicoterapia e de outras formas de auto-reflexão na vida diária.

A psicoterapia é o elo principal entre a teoria e a prática na teoria dialógica. O processo psicoterápico é concebido como uma reorganização do repertório de posições do self do paciente, visando maior flexibilidade e movimentação do eu. A reorganização do repertório de posições pode ser facilitada pela inovação do self, pela construção de um espaço dialógico e pelo estabelecimento e fortalecimento de uma metaposição (Hermans, 2003).

A inovação do self consiste em três procedimentos. O primeiro deles é a introdução de uma nova posição no sistema, o que implica necessariamente em uma reorganização do self. O segundo é a mudança na acessibilidade de uma posição no self, transformando as relações hierárquicas internas e dando a essa posição uma voz mais saliente. O terceiro procedimento é a formação de coalizões ou *clusters* entre posições, reforçando umas às outras e formando subsistemas que levam à inovação.

A construção de um espaço dialógico envolve o estabelecimento de uma relação entre psicoterapeuta e paciente que favoreça a reflexão mútua. Uma condição necessária para que isso ocorra é a existência de certo grau de simetria entre as duas partes, evitando que o profissional domine a conversa com suas idéias. Note-se que o psicoterapeuta se torna por definição uma nova posição externa que se apresenta ao self do paciente. Por conseguinte, passa a fazer o papel de metaposição, principalmente no início do processo.

Hermans (2002) propõe a metáfora “sociedade da mente” para descrever o funcionamento do self dialógico, argumentando que “não há diferença entre as posições que uma pessoa assume no self e as posições que os indivíduos assumem como parte de uma sociedade heterogênea” (p.147). Ele prossegue, afirmando que “self e sociedade funcionam como uma polifonia de vozes consonantes e dissonantes” (p.148).

1.2.1. Ramificações e Desenvolvimentos da Teoria

A teoria do self dialógico atraiu a atenção de psicoterapeutas preocupados com a questão da flexibilidade e a dialogicidade entre as vozes. Beebe (2002) apontou para a interface da dialogicidade com a psicologia analítica e Roland (2001) com a psicanálise. Outros estudos destacaram as aproximações com a semiótica tanto na perspectiva vygotskyana (Leiman, 2002) quanto no pragmatismo americano (DeSouza, 2005).

As contribuições da semiótica são particularmente importantes para a presente discussão, pois trazem dois pontos centrais para um entendimento crítico do self dialógico, a distinção entre self e identidade e a noção de mediação de signos na troca de posições no self. Leiman (2002) introduz o conceito de signo como a unidade entre uma forma material e um depósito de significado. A importância dos signos para o self dialógico, segundo o autor, está na noção de que o eu só realiza o movimento de troca de posições através deles. Em outras palavras, o movimento dialógico só ocorre através da mediação do signo na experiência.

DeSouza (2005), por sua vez, trouxe a distinção entre self e identidade proposta por Wiley (1994). Self é uma estrutura geradora de significados, constante, que atribui sentido ao mundo, organizando a experiência individual. Identidades, por outro lado, são significados gerados pelo self, surgidos através do contato social. Sua natureza é inerentemente provisória, uma identidade específica não é permanente nem imutável. Uma identidade pode tomar o lugar do self, embora, nesse caso, a função geradora de significados seja prejudicada, levando a quadros psicopatológicos. Isso se daria porque todos os sentidos das outras identidades seriam interpretados pela dominante. Esta distinção, aplicada ao self dialógico, sugere que uma fixação do eu em alguma posição específica prejudicaria o movimento do self, que é a

livre circulação do eu entre as posições. O self ficaria congelado em uma determinada posição.

A idéia de que o movimento do eu pelas diferentes posições, quando prejudicado de alguma maneira, possa levar à psicopatologia, é explorada por Lysaker & Lysaker (2002). No estudo da esquizofrenia, os autores propõem a conceitualização do distúrbio enquanto falha na hierarquia do self dialógico. Uma das possibilidades é a monologização do self, onde o movimento dialógico torna-se muito restrito. Outra possibilidade é a de que haja uma falta de hierarquia entre as posições do self, o que resultaria numa cacofonia de vozes. Em ambos os casos a capacidade adaptativa do self ficaria muito comprometida, não dando conta de uma ordenação eficaz da experiência.

Um modelo neural do self dialógico, proposto por Lewis (2002), examinou interfaces entre funções cerebrais e os conceitos de diálogo e de posições independentes do eu. Ele estava insatisfeito com as explicações oferecidas para a multiplicidade de posições do eu, pois o cérebro, como sistema, precisa estar voltado de maneira unificada para uma experiência consciente. Para contornar o problema Lewis argumentou que grande parte dos diálogos internos são monólogos, que ocorrem em nível sublingual. Assim, não haveria a necessidade de um foco da atenção, que existiria caso os diálogos fossem elaborados em palavras e frases. A ausência de um foco atencional possibilitaria a ocorrência paralela e simultânea dos monólogos, condição necessária para a concepção de posições do eu. Outras posições e a possibilidade de diálogo existiriam apenas enquanto expectativa, que direcionaria o processo sem que realmente houvesse outra parte envolvida. O aspecto imaginativo do self seria responsável por uma antecipação que resultaria em uma economia de tempo e recursos.

Lewis (2002) reconhece que a solução apresentada, embora eficiente, não cobre todas as manifestações de diálogo interno e requer complementações. Por exemplo, aquelas situações em que uma pessoa realiza um diálogo interno, parcialmente consciente, tomando a si mesma como objeto e falando subjetivamente como outra pessoa. Nessa situação ocorreria uma rápida mudança na resposta cerebral para viabilizar a troca no foco da atenção. Tal troca seria possível mediante a existência de dois sistemas que tivessem processamentos paralelos e competissem pela atenção. Para Lewis o córtex orbitofrontal e o córtex cingulado anterior desempenhariam esse papel, tendo em vista que as atividades de ambos tem pouca ligação neuronal entre si. A competição é orientada pela carga emocional das situações vividas. O córtex orbitofrontal é ativado por emoções negativas, em particular a ansiedade, enquanto o córtex anterior cingulado é ativado na realização de tarefas “frias”, de caráter cognitivo.

A flexibilização do conceito de dialogicidade, levando em consideração aspectos inconscientes e não-verbais foi considerada por Fogel, Koeyer, Bellagamba e Bell (2002). Para os autores, as crianças desenvolvem uma forma não-verbal de self dialógico nos primeiros 18 meses de vida. O processo ocorreria através da utilização de padrões de diálogo, que seriam como roteiros vagos de interação, que, quando executados, envolvem a improvisação de acordo com o momento. Assim, existiriam tanto roteiros rígidos que quando utilizados sofrem pouca ou nenhuma modificação, tornando-se estereotipados, quanto roteiros criativos que quando acionados trariam abertura e inovação, originando novas relações dialógicas.

Fogel e colaboradores (2002) afirmam que a natureza das posições do eu refere-se, nos primeiros anos de vida, à corporificação da experiência. A criança experimentaria com os sentidos: tocando, vendo, levando objetos ou partes do corpo à boca. Essas experiências serviriam de conteúdo para as posições iniciais. Por exemplo, uma criança observando a própria mão em movimento lidaria com duas experiências distintas: a sensação proveniente da mão, que é de origem proprioceptiva e tátil; e a visão da mão, proveniente do aparato visual. Utilizando os padrões de diálogo, o bebê passaria então a uma crescente integração destas experiências, coordenando movimentos e desenvolvendo uma imagem de si.

A relação com o cuidador é extremamente importante no desenvolvimento do self dialógico. O aspecto social se desenvolveria a partir dos padrões de diálogos presentes nas interações. Roteiros rígidos poderiam levar a oposições e conflitos, mas também poderiam servir como desafio. Tome-se como exemplo a insistência de uma criança em querer subir pelo lado da rampa de um escorregador da praça. O cuidador pode tentar fazer com que a criança utilize a escada, mas ela pode insistir em seu padrão estereotipado. Em um ponto mais avançado do desenvolvimento, essa atitude pode representar uma maneira de testar os limites impostos, um exercício que resulta na averiguação por parte da criança da forma como a outra pessoa em questão reage. Caso cada parte insista em continuar seu padrão, surge o conflito. Diante disso, a necessidade da utilização de padrões de diálogo criativos surge como forma de resolução do impasse. Conseqüentemente, aparece a oportunidade para o desenvolvimento do self, através da complexificação desses padrões, o que seria uma reorganização do repertório de posições, nos termos descritos por Hermans (2003).

Fogel e colaboradores (2002) sugerem que o estudo do surgimento e desenvolvimento pré-verbal do self dialógico pode fornecer indícios sobre como estes elementos permanecem subjacentes às formas de diálogo verbal nos adultos. Também afirmam que os rumos e predisposições desse desenvolvimento inicial podem ser indicativos de diferenças individuais

posteriores, incluindo psicopatologias, num retorno às teorias que creditam às experiências infantis um grande papel no desenvolvimento.

Com ênfase no desenvolvimento humano, Valsiner (2002) sugeriu um modelo de diálogo entre as posições do self. Inicialmente, o self pode apresentar tanto o heterodiálogo com pessoas reais ou imaginárias, quanto o autodiálogo consigo mesmo. Para Valsiner, essas modalidades de diálogo ocorrem no que ele designa de cerne do self dialógico, o sistema Aqui-Agora-Eu, ou AAE (Bühler, 1965/1990, citado por Valsiner, 2002). O AAE envolve a união dos aspectos temporais (agora), espaciais (aqui) e agenciais (eu). A partir de experiências passadas, esse sistema determina, dentro do campo do self dialógico, em que área a construção de sentido será aplicada em um dado momento. Assim, uma mediação semiótica restringe, dentro de um campo disponível, aquelas experiências passíveis de realização no self. O self alterna momentos sem hierarquia entre posições, que produzem uma polifonia de vozes, seguidos de momentos em que a diferenciação posterior entre elas resulta em uma crescente organização, caracterizando-se como um sistema que se auto-organiza.

Uma das noções mais importantes introduzidas por Valsiner (2002) é a do self dialógico como autocatalisador. Em outras palavras, seus componentes (posições do eu) produzem a si mesmas enquanto lidam com o fluxo da experiência. Tomando emprestado um termo da Química, o autor afirmou que a produção de sentido no self ocorre a partir da combinação de elementos. Esses elementos, porém, não se combinam sem a ajuda de um catalisador, um terceiro elemento que serve para mediar o processo. Assim, o elemento A combina-se com o catalisador C, com o novo par combinando-se com B posteriormente. A e B combinam-se, e C então se desliga, deixando para trás um elemento novo. A presença ou não do catalisador, bem como sua natureza, termina por indicar quais elementos serão combinados. O resultado é o surgimento de novas posições no self, a partir de um processo de produção de sentido.

Prosseguindo a analogia com processos químicos, Valsiner (2002) chamou de síntese a produção de novas posições. O termo significa a junção de duas partes em um todo que é novo. As condições para a ocorrência da síntese encontram-se entre a polifonia e a monologicidade. O autor oferece uma tipologia das relações entre posições no self dialógico como uma tentativa de explicar o processo dos mecanismos de desenvolvimento. Dois tipos de relação estão ligados à estabilidade do self: o reforço mútuo, em que posições opostas atingem um equilíbrio dinâmico; e a polifonia que resulta em proliferação e dispersão de posições. Ocorre então uma ilusão de complexidade, pois o grande número de posições acaba por não diferenciar-se significativamente, resultando em ausência de estruturação.

A estabilidade é sempre seguida de um momento de instabilidade (Valsiner, 2002). Os tipos de relação decorrentes são os de expansão e os de apropriação. As relações de expansão subdividem-se nas de escalada mútua, onde cada posição de um par conflitante caminha para uma crescente generalização, mantendo a oposição intacta, e nas de desacoplamento, em que a relação é rompida, e cada posição passa a surgir sem a outra. Ambas têm em comum o fato de que mantêm as posições como se encontravam antes, mas resultam em desenvolvimento. Já as relações de apropriação modificam algum de seus componentes. Elas subdividem-se em relações de dominação, em que uma posição é subordinada à outra, seu extremo, a expropriação, em que a posição subordinada é extinta, e de ventriloquismo, em que uma posição utiliza a outra para se expressar.

Valsiner (2002) afirma que o self dialógico pode ser comparado a um “solucionador de problemas preguiçoso” (p. 261), no sentido de que predomina uma multiplicidade de vozes levemente organizadas, e não uma busca constante pela síntese. O autor aponta que, para que se considere esse modelo como um modelo de desenvolvimento, o mais importante é levar em conta a habilidade adaptativa de flexivelmente generalizar apenas parte da experiência na produção de sentido. A capacidade de diferenciação da experiência (entre o que é e não é importante em um dado momento) torna-se central nessa perspectiva, não apenas no entendimento do mundo, mas também na relação com o mesmo. A emergência de novas posições decorre desse processo. A apreensão empírica das minúcias desse sistema é um desafio que motivou a realização de outros estudos e a construção de instrumentos.

1.2.2. Instrumentos Desenvolvidos

A criação de instrumentos que de alguma forma possam fornecer informações sobre o self dialógico também é um foco de pesquisas. Raggat (2000) desenvolveu o *Personality Web*, um instrumento que busca a identificação de vozes do self. O autor refere-se às vozes narrativas do self como sendo estruturas de avaliação moral. Cada voz estaria inerentemente posicionada dentro de uma moral da sociedade em que está inserida, e, conseqüentemente, lidaria com questões morais. Cada voz necessariamente representaria uma posição e uma ação moralmente avaliadas, o que levaria ao conflito intrapsíquico entre elas. Diferentes vozes representariam diferentes concepções do que seria uma vida correta ou uma vida feliz, por exemplo. O *Personality Web* foi desenvolvido de acordo com essas premissas.

O instrumento de Raggat (2000) consiste em duas etapas. A primeira é o diálogo com a cultura, em que itens são obtidos, refletindo a relação de um indivíduo com o mundo em diversas dimensões, como pessoas, objetos, partes do corpo e eventos de vida. A segunda

envolve a síntese das vozes, onde as relações entre os itens são classificadas por meio de uma escala e representadas em um gráfico bidimensional. A proximidade espacial dos itens indica a caracterização de agrupamentos que são chamados de vozes narrativas. A representação gráfica, porém, não consegue dar conta da complexidade das relações. O resultado é que, em estruturas bidimensionais, ocorre uma simplificação e fragmentação dos resultados. Em última instância eles terminam por descaracterizar a tentativa de representação.

Hermans (2001b) propôs o Repertório de Posições Pessoais (RPP) como um procedimento aberto para o acesso ao self dialógico. O instrumento consiste em duas partes. A primeira parte é quantitativa e composta por uma lista de posições internas e externas do self relacionadas entre si, chamada, por conseguinte, de Matriz de Posições Internas e Externas. A segunda parte é qualitativa e envolve a construção de valorações (frases ou pequenas histórias) às quais são relacionados afetos, a partir do ponto de vista de uma posição, escolhida pelo participante como sendo a mais importante de seu repertório. Ela é chamada de Matriz de Valorações e Afetos. Os resultados, segundo Hermans, formam um quadro geral da estruturação do self dialógico naquele momento. A relevância desses resultados é ligada, principalmente, à prática clínica e à pesquisa.

1.2.3. Críticas ao Self Dialógico e ao Repertório de Posições Pessoais

Um dos aspectos criticados da teoria do self dialógico é a proposição de que um indivíduo pode assumir uma posição autoral com relação a seu próprio repertório de self. Barresi (2002) afirma que essa é uma idéia que vai contra os próprios pressupostos da teoria, tomando-se como base a concepção de self de William James. A contradição encontra-se no fato de que não seria possível, em momento algum, escapar da consciência situada do presente para dar voz às posições. O máximo que parece ser possível atingir, segundo Barresi, seria um “ventriloquismo”, um esforço para criar uma ilusão de diálogo entre diferentes posições, que não seriam realmente independentes. Ele afirma, porém, que isso pode ser o mais próximo que se poderia chegar de um verdadeiro diálogo dentro do self. Essa crítica toma uma dimensão ainda maior a partir do momento em que se leva em consideração a noção de metaposição, que implica em um distanciamento das outras posições. A noção de metaposição também contraria a idéia de um self descentralizado, pois localiza a reflexividade em uma instância estática.

Wiley (2006), por sua vez, também apresenta críticas diretas e indiretas ao modelo. Segundo o autor, a tradição de teóricos pragmatistas¹, como Peirce, Mead e Dewey, pode ser considerada de forma mais ampla como uma teoria de um self dialógico. A ênfase no discurso interno (*inner speech*, no original) enquanto uma função evolutiva que substitui a estratégia de tentativa e erro seria, nesse caso, o elemento comum em torno do qual o self existiria para os diferentes autores dessa corrente filosófica. Wiley vai mais longe e iguala self dialógico e *inner speech*, enfatizando os aspectos conscientes e reflexivos que são as mais freqüentes características do conceito de self em diferentes teorias. Outros teóricos, como Lysaker (2006), discordam da comparação de Wiley, enfatizando que existem aspectos pré-reflexivos do pensamento que também fazem parte do self. Um exemplo citado pelo autor é o de uma ex-namorada que surge para um indivíduo que se encontra em um contexto de trabalho. A ativação de diferentes posições pode levá-lo a uma série de reações, como, por exemplo, dar um abraço ou um aperto de mão, a partir de pensamentos como “quero reatar nosso namoro” ou “tenho que manter uma postura profissional”. Segundo Lysaker, estas reações surgiriam de forma difusa, sem uma fonte definida, e qualquer consciência que se pudesse ter de sua emergência seria secundária na decisão sobre que rumo tomar. A grande questão, aqui, parece ser se a definição de self deve ou não ser restrita a processos reflexivos, e, portanto conscientes. Trata-se da distinção conceitual em que o uso de uma palavra (self) não implica em uma identidade entre os conceitos nomeados por ela.

Retornando a Damásio (2000), cujas idéias já foram abordadas, pode-se dizer que a opção por um self que englobe aspectos conscientes e inconscientes, reflexivos e pré-reflexivos vai ao encontro das concepções de self autobiográfico e proto-self. O paralelo, porém, não é plenamente concretizado. A posição de Damásio aproxima-se de uma distinção entre cognição (self autobiográfico) e sensação (proto-self). Por outro lado, Lysaker (2006) refere-se à reflexividade e pré-reflexividade. Pode-se dizer que o processo de formação e manutenção do proto-self é pré-reflexivo, mas os processos pré-reflexivos citados por Lysaker envolvem muito mais do que o proto-self pode produzir em termos de complexidade cognitiva. É possível, portanto, entender os conceitos como parcialmente interligados, numa relação de complementaridade.

¹ O adjetivo se refere ao Pragmatismo, movimento filosófico surgido nos Estados Unidos por volta de 1870, cuja idéia central consiste na consideração do significado e da verdade de qualquer teoria em relação à sua utilização prática. Trata-se de uma negação da divisão entre conhecimento e ação. Alguns de seus teóricos mais conhecidos são Charles Sanders Peirce, George Herbert Mead e John Dewey.

O RPP, embora bastante elogiado (Gonçalves & Salgado, 2001; Barresi, 2002; De Souza, 2005), apresenta alguns pressupostos problemáticos, segundo Gonçalves e Salgado (2001). Um deles é a idéia de que, quando responde ao instrumento, o indivíduo encontra-se em uma metaposição, ou seja, consegue fornecer resultados que não são enviesados por nenhuma das posições de seu self. Outro problema é assumir que as relações entre as posições são trans-situacionais. Os autores argumentam que duas posições podem ter relações até opostas, dependendo da situação em que o indivíduo se encontra. Além disso, chamam atenção para o fato de que talvez os diálogos internos durante a aplicação do instrumento constituam-se em um dado importante deixado de lado. DeSouza (2005), em um estudo empírico com 17 participantes, utilizou o RPP para averiguar a correspondência entre o conceito de self dialógico e o instrumento. Sua conclusão foi de que, embora consiga captar um retrato do self dialógico, o RPP não consegue demonstrar o movimento dialógico de forma eficaz.

A gravação da aplicação do instrumento surge como uma maneira de contornar essas dificuldades. Primeiramente, os novos dados poderiam servir à análise situando a posição de onde o participante responde. O enviesamento das respostas fornecidas poderia, em certa medida, ser esclarecido. Outro ponto importante a ser considerado é o de que as gravações poderiam mostrar o processo formador dos resultados, enfocando o diálogo interno e a maneira como ele evoluiria até sua manifestação no instrumento. Haveria, assim, uma aproximação com a dialogicidade propriamente dita.

Uma crítica que pode ser aplicada tanto à construção teórica do self dialógico quanto ao instrumento RPP é a falta de estudos empíricos. Praticamente toda a construção teórica e instrumental é baseada em estudos de caso (Raggat, 2000, Hermans, 2001b, Dimaggio, 2006), o que vai de acordo com a origem da teoria no contexto psicoterápico. Embora seja reconhecida a validade e a importância dessa metodologia, a realização de mais estudos com diversos participantes se faz necessária. Assim, haveria o fornecimento de resultados e evidência que não fazem parte do escopo metodológico do estudo de caso.

1.2.4. Self Dialógico: Uma Teoria da Multiplicidade Sistêmica

A teoria do self dialógico enfoca a estruturação da mente humana a partir das relações entre seus componentes, e não de sua natureza. O destaque dado à multiplicidade de posições internas reflete uma preocupação em fugir das simplificações e centralizações recorrentes nas teorias do self. Como um contexto teórico amplo, ela oferece um campo fértil para a interface com outras teorias de áreas afins. Isso decorre, principalmente, de seu estado ainda inicial, em

que muitos aspectos não se encontram desenvolvidos, e de sua natureza sistêmica e descentralizada.

Estas características estão em consonância com diversas perspectivas contemporâneas do pensamento científico. A busca pelo entendimento do funcionamento de sistemas descentralizados perpassa os campos da informática (Johnson, 2000) e da neurociência (Crick & Cock, 2003). A informática vem cada vez mais lidando com sistemas *bottom-up*, que se regulam de forma descentralizada, onde componentes, cuja complexidade é uma pequena fração daquela do todo de que fazem parte, reagem de forma mais efetiva e mais rápida sem serem “coordenados” por alguma função executiva do sistema. A neurociência teoriza o cérebro como um sistema composto de neurônios que competem entre si, realizando sinapses que fortalecem algumas relações entre as partes enquanto enfraquecem outras. O resultado da interação caótica entre estas partes dá forma ao cérebro, sem que haja alguma região do mesmo “coordenando” o processo. É neste cenário teórico que este estudo se insere.

1.3. Justificativa

A concepção dialógica oferece uma oportunidade atrativa de examinar as condições dinâmicas do self, isto é, o self em movimento. Uma condição por excelência para estudar o self em movimento é a psicoterapia. Uma oportunidade para desenvolvimentos teóricos e metodológicos se apresenta. Estudos empíricos com um maior número de participantes podem contribuir para a produção de evidências que confirmem ou refutem pontos da teoria em questão, podendo levar a reformulações. Ao mesmo tempo, o RPP é um instrumento que se propõe a auxiliar a investigação clínica e científica sobre o self, mas seu alcance e utilidade para o entendimento do fenômeno ainda merece maiores reflexões.

Um estudo recente teve objetivos semelhantes (Stemplewska-Żakowicz, Walecka e Gabińska, 2006). As autoras buscaram avaliar algumas proposições teóricas sobre o self dialógico, notadamente a de que cada posição do eu produz uma narrativa diferente de si, resultando em um mesmo indivíduo apresentando diferentes facetas de acordo com a posição do eu que é prevalente (ou seja, que recebe voz) em um dado momento. A tarefa utilizada para estudar o fenômeno foi a seguinte: os participantes foram solicitados a produzir uma narrativa. A instrução para a confecção da narrativa em questão variou em dois aspectos: a pessoa mencionada (mãe, pai, amigo, parceiro e professor) e a instrução que precedia a tarefa em questão (nenhuma, imaginar a face dessa pessoa ou descrevê-la). Assim, produziram-se 15 grupos de 16 a 20 pessoas que haviam passado por uma das modalidades específicas de instrução e tarefa.

Os resultados foram analisados estatisticamente, e indicaram que as narrativas diferem substancialmente entre si, em especial quando comparadas às produções referentes a pais e mães. As histórias referentes às mães foram, em geral, mais positivas e otimistas. O estudo não envolveu a utilização do RPP e não incluiu indivíduos em situações específicas (como o atendimento psicoterápico, por exemplo). Os pesquisadores avaliaram narrativas escritas e procuraram direcionar o posicionamento dos participantes. Essas diferenças distanciam a pesquisa mencionada do presente estudo. Em comum, há a intenção em produzir evidências diversas daquelas encontradas em estudos de caso.

1.4. Objetivo

O presente estudo toma a teoria do self dialógico como base para a compreensão e o Repertório de Posições Pessoais como forma indireta de acesso da experiência psicoterápica. Trata-se de um estudo exploratório, tendo como pauta as seguintes perguntas:

- 1) O RPP é um instrumento sensível ao processo terapêutico?
- 2) Que procedimentos metodológicos poderiam colaborar no exame do processo dialógico do self?
- 3) A condição de estar em psicoterapia implica em especificidades no movimento dialógico do self?
- 4) Existe correlação entre o neuroticismo de um indivíduo e o padrão de relações entre as vozes do self?
- 5) Qual a relação entre posições e identidades?
- 6) Qual a natureza das relações entre as posições?

1.5. Expectativas

De acordo com a literatura, esperava-se que o RPP fosse sensível ao processo terapêutico. Assim sendo, se supôs que houvesse padrões específicos de relações entre as posições do self que estivessem relacionados com sofrimento psíquico e com o processo de psicoterapia. As modificações propostas tanto nos procedimentos de coleta quanto na análise dos dados do RPP deveriam oferecer uma maior riqueza de informações sobre o self.

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1. Participantes

Participaram deste estudo 40 pessoas entre 20 e 45 anos de idade, numa amostragem de conveniência. Os participantes foram divididos em dois grupos, Grupo Clínico e Grupo Não-Clínico, mantendo-se, dentro do possível, as mesmas características, como proporção de sexo e idade. O Grupo Clínico reuniu participantes que estavam em psicoterapia há pelo menos seis meses e no máximo há um ano, por ocasião da coleta de dados. O Grupo Não-Clínico contou com participantes que nunca tinham realizado atendimento psicoterápico. O intervalo de idade escolhido estabeleceu limites com relação ao desenvolvimento psicológico, procurando manter a amplitude necessária para viabilizar o recrutamento. O período de atendimento exigido como pré-requisito contemplou participantes que estivessem em pleno processo psicoterápico, independentemente da teoria utilizada pelo profissional. A Tabela 1 apresenta um sumário dos dados sóciodemográficos da amostra.

Tabela 1. *Dados Sóciodemográficos dos Participantes da Amostra (n=40)*

	Grupo Clínico	Grupo Não-Clínico
Idade (em anos)	Média: 30,80	Média: 29,79
	Desvio-padrão: 10,85	Desvio-padrão: 10,68
Sexo	Feminino: 80% (n=16)	Feminino: 60% (n=12)
	Masculino: 20% (n=4)	Masculino: 40% (n=8)
Escolaridade	EMC: 10% (n=2)	EMC: 15% (n=3)
	ESI: 30% (n=6)	ESI: 20% (n=4)
	ESC: 60% (n=12)	ESC: 65% (n=13)
Nota. EMC= Ensino Médio Completo ESI= Ensino Superior Incompleto ESC= Ensino Superior Completo		

A média de idade dos participantes ficou em torno dos 30 anos nos dois grupos, com desvios-padrão igualmente semelhantes. O intervalo foi o menor possível dentro das

possibilidades de obtenção de participantes. A distribuição entre os sexos revelou-se de acordo com o esperado, com uma maioria feminina, em especial no grupo clínico (20% de homens e 80% de mulheres). A distribuição do grupo não-clínico (40% homens, 60% mulheres) foi direcionada para que, dentro do possível, fosse semelhante à do grupo clínico, notadamente aquele onde se esperava a maior dificuldade para a obtenção de participantes. O nível de escolaridade, por sua vez, também apresentou distribuição semelhante. Enquanto o grupo clínico foi composto de 10% de participantes com ensino médio completo (EMC), 30% com ensino superior incompleto (ESI) e 60% com ensino superior completo (ESC), o grupo não-clínico apresentou respectivamente 15% com EMC, 20% com ESI e 65% com ESC.

2.2. Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos: Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo (EFN) e o Repertório de Posições Pessoais (RPP). A Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo (EFN) é uma escala baseada no Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade, desenvolvida e validada para a população brasileira por Hutz e Nunes (2001). A escala compõe-se de 82 itens a serem respondidos em uma escala Likert de sete pontos. As dimensões avaliadas são: vulnerabilidade (vivência de sofrimento em relação à aceitação dos outros), desajustamento psicossocial (agressividade, comportamentos de risco), ansiedade (instabilidade emocional, variação de humor) e depressão (padrão de interpretações em eventos de vida). O resultado obtido é considerado uma medida do sofrimento psíquico de um indivíduo. O EFN desempenhou duas funções no presente estudo. A primeira foi estimar a neuroticidade dos participantes, considerando-se tratar de fator associado a diversas psicopatologias (Costa & McCrae, 1992; Liebowitz, Stallone, Dunner, & Fieve, 1979). Desta forma, o EFN foi utilizado como instrumento auxiliar para diferenciar os dois grupos do estudo, em complemento à condição inicial estipulada (estar em psicoterapia por pelo menos seis meses e no máximo há um ano). O procedimento padrão de avaliação do EFN envolve a soma dos escores nos diferentes itens divididos em quatro subáreas, resultando em quatro escores distintos que são somados e então comparados com médias amostrais obtidas na validação e normatização do instrumento no Brasil (Hutz e Nunes, 2001).

O Repertório de Posições Pessoais, adaptado para o Brasil por DeSouza (2005), é composto pela Matriz de Posições Internas e Externas e pela Matriz de Valorações e Afetos. A primeira é composta de uma lista de 50 posições internas e 41 posições externas. O participante é livre para escolher as posições que ele julgar relacionadas a si mesmo ou para

acrescentar novas posições. As posições são dispostas em linhas (internas) e colunas (externas), formando uma matriz. O participante então classifica cada posição interna em uma escala Likert de 0-5 (0-nem um pouco, 5-bastante considerável), julgando o quanto a primeira é proeminente (positiva ou negativamente) em relação a cada posição externa (ver anexo A para lista de posições). A segunda matriz envolve a seleção de duas posições pelo participante. Através de um protocolo de entrevista semi-estruturada (ver anexo B), narrativas temporalmente situadas são geradas para cada uma das duas posições. Em seguida, o participante é convidado a classificar, numa escala Likert de 0-5 (0-nem um pouco, 5-bastante considerável) o quanto cada afeto (ver lista de afetos e seus agrupamentos no anexo C) está relacionado com cada narrativa, gerando uma nova matriz. A tabela 2 ilustra a disposição dos resultados nas matrizes citadas.

Tabela 2. *Exemplo ilustrativo da disposição dos dados da Matriz de Posições Internas e Externas*

Posições externas	Posições internas									
	Meu pai	Minha mãe	Meu irmão	Minha irmã	Meu/ minha amigo/a	Meu chefe	Meu/minha primo/a	Meu/minha namorado/a	Meu professor	Soma
Eu enquanto... Homem	5	1	5	3	4	0	2	3	1	24
Pai	3	2	0	2	0	3	4	0	0	14
Profissional	2	1	5	3	4	0	2	5	4	26
Colega de Trabalho	0	1	0	0	5	1	2	3	0	12
Marido	1	3	2	4	4	3	3	1	1	22
Vítima	5	1	2	0	1	5	2	0	1	17
Idealista	2	4	3	1	3	4	5	0	5	27
Exigente	1	0	3	5	3	2	4	0	1	19
Pessimista	1	4	0	4	2	0	5	3	0	19
Soma	20	17	20	22	26	18	29	15	13	

O procedimento foi gravado em áudio, e pediu-se ao participante que falasse em voz alta o que estava pensando enquanto respondia ao instrumento. Com isso, esperava-se atingir uma maior aproximação com o movimento dialógico do self, conforme as colocações de

Gonçalves e Salgado (2001) e DeSouza (2005). Os autores ressaltaram as limitações do RPP em captar a dialogicidade do self, sugerindo que a gravação da fala dos participantes poderia complementar de alguma forma os resultados, conforme discutido anteriormente. Os resultados foram analisados tanto quantitativamente (avaliação de médias das ligações entre as diferentes posições), quanto qualitativamente (avaliação das falas gravadas na primeira parte e das narrativas apresentadas na segunda parte do instrumento).

2.3. Procedimentos

Os participantes foram recrutados em clínicas de atendimento psicológico (grupo clínico) e em salas de aula de universidades (1º semestre do curso de psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) ou locais de trabalho (grupo não-clínico). Os instrumentos foram aplicados individualmente no local de atendimento ou nas dependências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O contato com cada participante durou de um a dois encontros, de acordo com a disposição de cada um, seguindo a ordem de aplicação RPP-EFN. A divisão da aplicação do RPP foi adotada como procedimento padrão por DeSouza (2005), cujo estudo foi utilizado como referência.

O projeto foi encaminhado previamente para análise do comitê de ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e os participantes assinaram o Consentimento Livre e Esclarecido (ver anexos D e E) antes de iniciarem as aplicações. Mediante avaliação do pesquisador responsável pela aplicação dos instrumentos, houve a possibilidade de participantes do grupo não-clínico serem encaminhados, conforme necessidade, para atendimento na Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Um dos participantes utilizou essa prerrogativa e solicitou assistência um mês após a coleta.

2.4. Delineamento

O estudo inclui análises qualitativas e quantitativas dos dados, tendo em vista os objetivos propostos. Não existem pretensões de generalização para populações, levando-se em consideração o número de participantes e a característica da amostragem por conveniência. A realização das análises estatísticas para comparações entre os grupos foi vinculada à obtenção de relativa homogeneidade quanto às características citadas anteriormente.

Os resultados do EFN foram analisados utilizando-se estatísticas para comparação de médias entre os grupos clínico e não-clínico. Os resultados do RPP foram analisados através de estatísticas de comparação de médias para a matriz de posições internas e externas. As narrativas produzidas pela matriz de valorações e afetos e as gravações das falas dos participantes foram analisadas qualitativamente. O método utilizado foi o da fenomenologia semiótica de Lanigan (1992), seguindo os passos de descrição, redução e interpretação, utilizado em diversos estudos (Rigotto & Gomes, 2002, DeSouza, 2005, DeSouza, DaSilveira & Gomes, no prelo).

A partir dos resultados do RPP, foram desenvolvidas formas adicionais de análise dos dados, visando uma maior aproximação com os objetivos propostos. Os resultados dos dois testes foram analisados com estatísticas de correlação entre neuroticidade e dialogicidade.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

3.1. Análise Quantitativa

Inicialmente, compararam-se os escores dos dois grupos, obtidos em cada instrumento. Os escores obtidos pelo EFN apresentaram uma distribuição normal, sendo possível a realização de testes paramétricos. As análises envolveram a comparação de médias entre os dois grupos, tanto no escore geral, quanto nos escores das dimensões vulnerabilidade, desajustamento psicossocial, ansiedade e depressão. Assim, foram utilizados testes *t* de Student para as comparações (incluindo variações que levavam em conta a escolaridade e o sexo), conforme mostra a Tabela 3. Não houve diferenças significativas entre os dois grupos, indicando que o EFN, ao menos para a amostra obtida, não serviu como preditor para a condição de estar ou não em psicoterapia. As médias do grupo clínico, porém, foram um pouco superiores, sugerindo uma pequena tendência que poderia se tornar mais clara em um estudo com maior número de participantes.

Tabela 3. *Escore do EFN e suas 4 dimensões e resultados do Teste t de Student (n=40)*

	Grupo Clínico (n=20)		Grupo Não-Clínico (n= 20)		Teste <i>t</i> de Student	
	M	Dp	M	Dp	<i>t</i>	gl
EFN	97,17	14,66	95,29	14,32	0,41	38
Vulnerabilidade	24,04	4,38	23,54	4,59	0,35	38
Desajustamento Psicossocial	24,21	3,51	23,89	3,33	0,295	38
Ansiedade	23,22	5,17	22,95	4,67	0,173	38
Depressão	25,69	4,47	24,90	3,56	0,617	38

Nota. M= média, dp= desvio-padrão, gl= graus de liberdade.

A análise do RPP exigiu o desenvolvimento de uma medida que pudesse ser utilizada em análises estatísticas e que, ao mesmo tempo, mantivesse um equilíbrio entre a complexidade dos resultados do instrumento e a viabilidade do mesmo. O fato de que cada

participante escolhe diferentes posições, e em diferente número, torna seus dados particulares e não comparáveis com outros indivíduos na forma em que foram propostos por Hermans (2001b). Optou-se por utilizar uma média geral das relações estabelecidas entre posições internas e externas como medida principal, obtida a partir do total das somas para cada posição interna ou externa, valores disponíveis na análise convencional. O processo pode ser mais claramente expresso pela seguinte fórmula:

$$D = [\sum(\text{relações entre } p_e \text{ e } p_i) / x_{pe}] / y_{pi}$$

onde D é dialogicidade (o nome atribuído à medida em questão), p_e refere-se a posições externas, p_i refere-se a posições internas, x_{pe} refere-se ao nº de posições externas escolhidas e y_{pi} refere-se ao nº de posições internas escolhidas pelo participante. Os dois locais de onde podem ser retiradas as somas utilizadas aparecem indicados na figura 2 em cinza.

	Meu pai	Minha mãe	Meu irmão	Minha irmã	Meu/minha amigo/a	Meu chefe	Meu/minha primo/a	Meu/minha namorado/a	Meu professor	Soma
Eu enquanto... homem	5	1	5	3	4	0	2	3	1	24
Pai	3	2	0	2	0	3	4	0	0	14
Profissional	2	1	5	3	4	0	2	5	4	26
Colega de Trabalho	0	1	0	0	5	1	2	3	0	12
Marido	1	3	2	4	4	3	3	1	1	22
Vítima	5	1	2	0	1	5	2	0	1	17
Idealista	2	4	3	1	3	4	5	0	5	27
Exigente	1	0	3	5	3	2	4	0	1	19
Pessimista	1	4	0	4	2	0	5	3	0	19
Soma	20	17	20	22	26	18	29	15	13	

Figura 2. Localização das somas utilizadas no cálculo da dialogicidade.

A medida proposta é chamada nesse estudo de dialogicidade, apresenta valores entre 0 e 5 e agrega duas qualidades. Primeiro, é uma representação de o quanto, em geral, as posições internas e externas do self estão relacionadas. Segundo, o valor permite comparações entre os diferentes participantes, ao levar em conta o nº variável de posições que são escolhidas e ao remover o peso deste valor da medida final. Não se pretende, aqui,

reduzir todas as informações geradas pelo RPP a um determinado número, mas explorar as muitas análises que a riqueza do instrumento sugere. O escore global também pode ser utilizado para representar partes da matriz do RPP. É possível escolher algumas posições (por exemplo, aquelas que fazem parte da família nuclear) e obter um escore que seja representativo daquele “subsistema” específico.

A distribuição obtida das médias de dialogicidade também foi normal, o que permitiu a utilização de testes paramétricos, como no caso do EFN. O teste *t* de Student comparou a dialogicidade dos grupos clínico e não-clínico, como descrito na tabela 4.

Tabela 4. *Valores de Dialogicidade obtidos para os Grupos Clínico e Não-Clínico e resultados do Teste t de Student N= 40)*

	Grupo Clínico (N= 20)		Grupo Não-Clínico (N=20)		Teste <i>t</i> de Student	
	M	Dp	M	Dp	<i>t</i>	gl
Dialogicidade	2,54	±0,79	3,00	±0,63	-2,02*	38
Dialogicidade referente a figuras próximas	3,13	±0,62	3,39	±0,48	-1,38	38
Dialogicidade referente a figuras afastadas	2,28	±0,90	2,59	±0,79	-1,04	38

Nota. M= média, dp= desvio-padrão, gl= graus de liberdade.

*Diferença significativa entre as médias conforme teste *t* de Student, ao nível $p < 0,05$ (2-tailed)

O grupo não-clínico (M= 3,00 dp: ±0,63) apresentou média significativamente superior ($p < 0,05$) à do grupo clínico (M= 2,54 dp= ±0,79). A Tabela 4 também apresentou as médias e desvios-padrão da dialogicidade referente a figuras próximas (DFP) e da dialogicidade referente a figuras afastadas (DFA). Ambas foram criadas com o intuito de buscar um maior refinamento na análise, verificando algumas posições externas em separado, e foram obtidas seguindo-se o mesmo procedimento da variável dialogicidade (com a diferença de que apenas algumas posições externas foram consideradas em cada caso).

Assim, DFP refere-se a figuras que seriam mais próximas, notadamente as posições externas: meu marido/companheiro, minha esposa/companheira, minha mãe, meu pai, meu irmão, minha irmã, meu avô, minha avó, meus filhos, meu/minha namorado/a, alguém que eu amo, meu animal de estimação e minha casa. DFA, por sua vez, refere-se a figuras mais afastadas, tanto presencialmente quanto afetivamente, como: meu sogro, minha sogra, um/a conhecido/a, um/a colega de aula, meu/minha professor/a, meu/minha colega de trabalho, meu/minha subordinado/a, meu/minha chefe, meu/minha amigo/a, uma figura no meu sonho, uma personalidade na televisão, um personagem em um livro, uma personalidade da música, alguém que está morto (eram orientados a utilizar esta posição somente para pessoas falecidas que não se enquadrassem em outra categoria), alguém na minha imaginação, alguém que eu admiro, uma pessoa problemática, meu/minha ex-companheiro/a, alguém com quem pratico esporte, meu/minha adversário/a, um grupo ao qual pertenço, um grupo ao qual eu não pertenço, um grupo ao qual eu pertenci no passado, um outro grupo cultural, meu/minha terapeuta, um ser sobrenatural, algo na natureza.

As médias de DFP são bastante superiores às de DFA em ambos os grupos. Este resultado, de certa forma, é uma decomposição da variável dialogicidade, sugerindo uma configuração específica nas relações entre posições internas e externas. A variável DFP é composta de um número menor de posições, mas estas posições estão, em geral, mais relacionadas com as posições internas do que aquelas que compõem a variável DFA.

A divisão realizada entre DFP e DFA foi decidida *a posteriori*, durante o andamento das análises. Optou-se por uma divisão que envolvesse grau de parentesco e proximidade física. Estes critérios podem fornecer uma idéia geral que se aproxima de quais seriam as figuras próximas e afastadas da maioria da amostra.

Foram realizadas análises estatísticas envolvendo tanto as variáveis surgidas do EFN quanto as do RPP. Testes de correlação de Pearson não indicaram relações significativas entre o escore de neuroticidade ou suas sub-escalas e as variáveis dialogicidade, DFP e DFA. Conforme mostra a tabela 5, dois resultados foram significativos nesse ponto da análise.

Previsivelmente, confirma-se que DFP e DFA variam juntas, apresentando uma correlação positiva significativa bastante elevada ($r = 0,833$). Isso significa que, quando uma das duas aumenta, a tendência é de que a outra também aumente, e vice-versa. A correlação entre o total de posições internas (PI) e o total de posições externas (PE) escolhidas pelos participantes também foi significativa. A associação é de caráter positivo ($r = 0,686$), ou seja, quando o nº de posições internas é alto, o nº de posições externas também tende a sê-lo, e vice-versa, embora de forma menos clara que na correlação entre DFP e DFA.

Tabela 5. *Correlações significativas entre as variáveis estudadas (N= 40)*

	Total de Posições Externas escolhidas (PE)	Dialogicidade referente a figuras afastadas (DFA)
Total de Posições Internas escolhidas (PI)	0,686**	-
Dialogicidade referente a figuras próximas (DFP)	-	0,833**

Nota. ** Correlação é significativa ao nível $p < 0,01$ (2 tailed).

3.2 Discussão Preliminar dos Resultados da Análise Quantitativa

O escore geral do instrumento quanto aos escores de suas quatro dimensões não foram capazes de discriminar os participantes do estudo quanto à sua condição (clínica ou não-clínica). Pode-se interpretar esses dados de dois modos: 1) o EFN não apresenta as qualidades necessárias para investigar susceptibilidades menores; 2) o EFN pode apresentar valor discriminativo, mas este teria sido dissipado pelo fato de que o diagnóstico dos participantes do grupo II não foi controlado, o que impediria que uma ou mais dimensões se destacassem de alguma forma nos resultados. Uma influência importante, e que possivelmente estaria presente em qualquer uma das interpretações, seria a do tamanho reduzido da amostra. É possível que os dados produzidos pelo EFN sejam mais significativos em uma amostra composta de um número mais elevado de participantes.

A diferença entre a dialogicidade dos grupos clínico e não-clínico constitui-se em um indício de que o RPP é sensível à situação de psicoterapia. O fato de que a média do grupo não-clínico é superior à do grupo clínico, pode ser considerado surpreendente, diante do entendimento de que indivíduos em psicoterapia estariam de certa forma aprimorando a dialogicidade do self (Hermans, 2001b) e, portanto deveriam apresentar maiores escores. Diante desse quadro contrário, porém, algumas alternativas, cujo efeito pode ser associado ou dissociado, podem ser propostas: a média inferior do grupo clínico pode ser creditada a um período ainda inicial de psicoterapia, em que mudanças do self ainda estariam por ocorrer; a média inferior representa uma característica constante ou de difícil modificação do self, que torna alguns indivíduos em geral mais suscetíveis a psicopatologias; as psicoterapias não

apresentaram o resultado esperado, o que findou numa manutenção de baixos níveis de dialogicidade.

Diante desses resultados, pode-se interpretar que o índice de dialogicidade obtido refere-se a uma característica estável do self. Hermans (2001b) apresentou estudos de caso em que modificações no repertório de um cliente ocorrem ao longo de meses ou mesmo anos. Evidências adicionais a favor dessa interpretação provêm de Lysaker e Lysaker (2002), que propõem uma estrutura de self específica na esquizofrenia, notadamente uma psicopatologia de difícil e longo tratamento. A partir disso, um baixo escore de dialogicidade pode significar um sinal de que os indivíduos em psicoterapia encontram-se mais fragilizados, e, portanto, mais propensos a desenvolver psicopatologias.

Em outras palavras, um baixo escore de dialogicidade pode servir como um indicador de uma situação em que uma psicoterapia seria recomendada mas não levaria a mudanças notáveis, ao menos em um curto período de tempo. Tal proposta parece, à primeira vista, contrária à teoria do self dialógico. Porém, podemos entender que o progresso em psicoterapia envolve outros aspectos não explorados nos dados, como, por exemplo, a modificação da configuração do self, sem que necessariamente isso implique em um aumento global das relações entre as diferentes posições. De fato, isso é o que ocorre nos exemplos dados por Hermans (2001b), em que uma posição, inicialmente em proeminência, torna-se menos relacionada com as outras ao longo do tratamento, enquanto outras assumem um lugar de maior destaque na configuração do self. Haveria, assim, um equilíbrio homeostático entre as posições, uma compensação onde algumas posições devem sair de cena, deixando o espaço livre para que outras recebam voz.

A diferença entre os escores das variáveis DFP e DFA também suscita importantes questões. O fato de que essa diferença está presente nos dois grupos aponta para um padrão do self dialógico independente da situação de psicoterapia. Este padrão consiste em um self com algumas posições externas altamente relacionadas a várias posições internas, e com outras posições externas periféricas relacionadas com poucas posições internas e/ou de forma fraca. A Figura 3 ilustra esse ponto de forma esquemática, apresentando as posições externas minha esposa e meus filhos enquanto posições nucleares (parte do escore DFP), ou seja, ligadas a diversas posições internas, e meu chefe e meu colega de trabalho enquanto posições periféricas (parte do escore DFA), ligadas somente a uma posição interna.

O padrão observado indica uma certa “hierarquia” entre posições no self. A rede de relações assim, aponta para uma organização que pode ter um papel central no funcionamento do self. Lysaker e Lysaker (2002), quando tratam da estrutura narrativa na esquizofrenia,

sugerem que um dos distúrbios que estariam presentes no self nessa psicopatologia seria a ausência de uma hierarquia entre posições. Essa ausência seria responsável pela desorganização cognitiva de tais indivíduos. Os dados discutidos aqui apóiam a possibilidade da existência de uma hierarquia como inerente ao funcionamento dialógico do self.

As correlações obtidas, que indicam relações positivas entre o total de posições internas e o total de posições externas, também fornecem material para discussão. De acordo com esse dado, um indivíduo teria a tendência a escolher posições internas em quantidade semelhante à de posições externas. Isto sugere que o self dialógico apresenta-se como uma rede de posições que é constantemente alimentada pelo ambiente e pela cultura. O entendimento do indivíduo em um contexto mais amplo e dotado de uma “sociedade da mente” (Hermans, 2002), confirma-se nessa interdependência: um self complexo é um self inserido em um ambiente social e cultural igualmente complexo. A correlação positiva entre DFP e DFA, por sua vez, reforça essa idéia, além de servir como indício adicional de que o padrão de self da figura 3 tem relevância teórica.

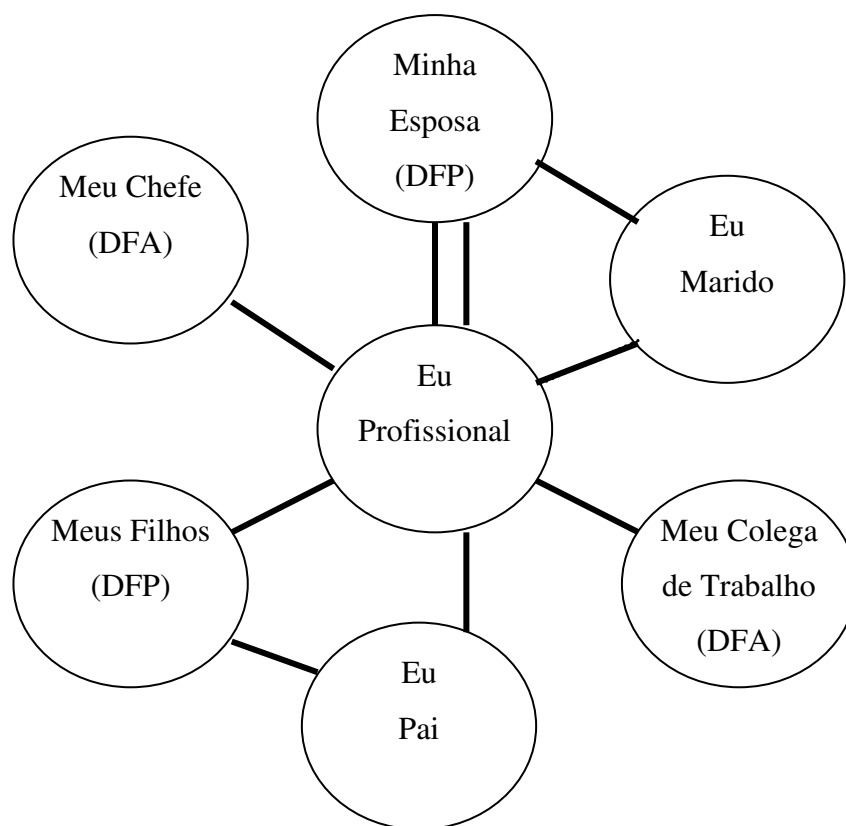


Figura 3. Representação de diferentes posições externas no self dialógico

A importância do ambiente e da cultura na formação do self dialógico evidencia-se pelos numerosos estudos que tratam de aculturação de estrangeiros (Hermans & Kempen, 1998), especificidades culturais do self (Gieser, 2006, Yau-fai Ho, Chan, Peng & Ng, 2001) e produção cultural da psicopatologia (Blackman, 2005). O presente estudo reforça a relevância desse foco no estudo do self, embora diferenças culturais não sejam exploradas aqui de forma mais detalhada.

3.3 Análise Qualitativa

A análise qualitativa foi realizada a partir de dados obtidos em dois diferentes momentos da aplicação: durante a matriz de posições internas e externas e durante a matriz de valorações e afetos. As gravações transcritas produziram, assim, dois segmentos de fala de cada participante desta etapa do estudo. Após uma análise inicial dos dados, apenas 10 participantes foram escolhidos para esta etapa. A razão para essa escolha foi a de que estes indivíduos apresentam em suas narrativas todo o espectro de peculiaridades observadas na amostra completa.

Alguns critérios foram levados em consideração para essa seleção. Primeiramente, optou-se por incluir indivíduos que tivessem demonstrado facilidade em falar enquanto realizavam a tarefa. Facilidade, aqui, significa uma fala constante na primeira matriz (onde alguns indivíduos ficaram em silêncio), e uma narrativa minimamente coerente na segunda matriz (alguns participantes foram monossilábicos). Outro fator levado em consideração foi um equilíbrio entre o número de participantes de cada grupo. Por fim, buscou-se representar as diferentes idades dos participantes da amostra para obter maior variedade de discursos. Assim, foi possível a realização de uma análise mais detalhada de cada narrativa, visando à formação, mais adiante, de um perfil para cada grupo. A descrição dos participantes cujos dados foram utilizados na análise qualitativa estão na Tabela 6. A análise fenomenológica tem como base as falas dos participantes que serão tomadas como descrição. A redução será um confronto entre a estrutura apresentada ou impregnada pelas leituras e a categorização estrutural para falas internas de DeSouza (2005). Contudo, a apropriação da especificidade das falas obtidas com o RPP irá ganhar força no decorrer da leitura e se afirmarão com definições categoriais próprias. As interpretações seguem:

Tabela 6. *Descrição dos participantes da análise qualitativa (N=10)*

	Grupo	Sexo	Idade (em anos)	Escolaridade	EFN	Dialogicidade
P5	clínico	F	23	ESC	80,20	2,35
P16	clínico	F	44	EMC	86,60	2,22
P17	clínico	F	45	ESC	117,80	1,81
P30	clínico	F	25	ESC	126,50	3,64
P9	clínico	F	25	ESC	93,50	1,26
P19	não-clínico	F	43	ESC	89,30	2,61
P24	não-clínico	F	41	EMC	80,00	3,16
P25	não-clínico	M	26	ESC	92,80	3,98
P32	não-clínico	M	27	ESC	101,10	2,22
P37	não-clínico	F	20	ESI	127,50	3,00

Nota. M= masculino

F= feminino

EMC= Ensino Médio Completo

ESI= Ensino Superior Incompleto

ESC= Ensino Superior Completo

3.3.1 A Matriz de Posições Internas e Externas

O primeiro segmento de fala aqui referido representa uma mudança no procedimento padrão da aplicação do RPP. A monitoração e verbalização dos próprios pensamentos constituíram um complicador para todo o processo. Alguns participantes não conseguiram realizar a tarefa, respondendo em silêncio. A dificuldade era previsível, pois houve um aumento de complexidade com relação à tarefa original.. Este aumento, porém, visou criar uma situação em que o self dos participantes passasse por certa desorganização, dando margem a verbalizações que, de outra maneira, seriam filtradas pelo processo de monitoramento dos próprios pensamentos. Em outras palavras, o objetivo foi tornar visíveis alguns movimentos do self que provavelmente passariam despercebidos de outra forma.

A análise do primeiro segmento é baseada inicialmente nas categorias delineadas por DeSouza (2005) em sua análise da fala de indivíduos enquanto resolviam o Teste de Matrizes Progressivas de Raven. Este modelo foi utilizado porque, ao longo do processo de coleta e análise dos dados, tornou-se claro que, embora o RPP não seja um teste de desempenho, os

processos cognitivos envolvidos são tão ou mais complexos quanto a resolução de tarefas cognitivas, certamente pela carga emocional decorrente. Dessa forma, pode-se assumir que os participantes encaravam a tarefa proposta como uma resolução de problemas, e utilizavam estratégias compatíveis com essa perspectiva. As categorias demarcadas foram as seguintes: descrição visual, raciocínio lógico e diálogo.

A categoria “descrição visual” refere-se, no trabalho de DeSouza (2005), à descrição de diferentes aspectos da execução do teste, relacionados à forma e cor dos objetos. Para o propósito deste estudo, essa categoria foi transformada em “descrição de procedimento”, referindo-se a trechos de fala em que os participantes relatam a atividade de relacionar posições internas e posições externas. As falas do grupo não-clínico concentraram-se nessa categoria.

P17: *Mulher, com relação ao meu marido, é baixa.*

P19: *A relação de mulher e meu marido, dá para considerar alta.*

A categoria “raciocínio lógico” diz respeito à articulação entre o que foi pedido como tarefa e a ação do participante, que deduz a partir de sua experiência qual seria o número mais adequado para cada relação. Expressa de forma mais ou menos clara uma relação lógica “se”, “então”.

P19: *Às vezes sou vulnerável com meu marido, então é 3.*

Por fim, a categoria diálogo refere-se a momentos em que aparece claramente na fala do participante uma intencionalidade dialógica, ou seja, uma explicitação do diálogo imaginário proposto pelo pesquisador. Tal processo pode ocorrer de diversas formas. Tendo em vista os objetivos do presente estudo, esta é a categoria mais relevante a ser analisada, e foi marcante na fala de indivíduos do grupo clínico.

P16: *Sim, eu faria sacrifícios, e fiz, pela minha mãe, pelo meu pai...*

P24: *Uma pessoa problemática, com (a posição interna) mulher? Minha cunhada, uma pessoa extremamente difícil, eu como mulher com ela... não me identifico em nada!*

Os exemplos citados mostram uma referência direta a um interlocutor imaginário. Esta referência pode se dar por meio de perguntas, afirmações, negativas e imperativos. Porém, isto não significa que as outras categorias descritas anteriormente não sejam representativas do processo dialógico do self. Descrições visuais, por exemplo, precisam necessariamente de um sujeito para realizá-las, assim como de outro (real ou imaginário) para quem aquela descrição fará sentido. Dentro da teoria do self dialógico, uma posição do eu teria voz, e falaria a partir de sua perspectiva a um mim (também uma posição). O diálogo,

portanto, estaria implícito, mas presente. A dialogicidade do self definiria o quanto esse intercâmbio se assemelharia a um monólogo ou a um diálogo. O mesmo raciocínio pode ser aplicado à categoria raciocínio lógico.

A relação dialógica também se apresenta nas dimensões temporal e espacial. A dimensão temporal aparece nas referências a eventos passados, presentes e futuros. Também torna-se evidente quando um indivíduo realiza um movimento de projeção ao futuro ou de retorno ao passado, respondendo *como se* estivesse naquela situação e tempo específicos. Trata-se do aspecto imaginativo do self. A dimensão espacial, por sua vez, aparece na sobreposição de opiniões e mudanças de idéia, que ocorrem durante a realização do RPP. A contigüidade temporal das vozes implica em sua presença espacialmente diferenciada.

P16: *Pela minha vó? Hmmm... não me lembro muito.*

P24: *Vou botar três, não! Dois. Eu não consigo imaginar relação entre mãe e meu marido ou companheiro.*

O valor emocional atribuído pelos participantes a cada um dos trechos de sua vida também é aparente nos diálogos, perpassando as seqüências de fala dos participantes. Pode vir tanto em uma alteração no tom de voz quanto na adição de expressões ininteligíveis e interjeições.

P16: *Pelo meu ex-companheiro? Muitos sacrifícios (bufa)!*

Pausas na fala dos participantes, por vezes interrompendo frases que eram ditas, foram notáveis nas respostas à matriz de posições internas e externas, como mostram os exemplos abaixo. Os participantes do grupo clínico apresentaram falas mais truncadas, marcadas por pausas mais longas.

P17: *Mãe...eu como mãe... (longa pausa)... eu como mãe, eu me sinto – me considero uma boa mãe...*

As pausas podem ser explicadas por cansaço decorrente da fala simultânea à aplicação, ou como um intervalo necessário para a reflexão inerente ao tipo de escolha. Ambas as possibilidades parecem interessantes. Diversos participantes falaram com pausas constantes, enquanto alguns outros simplesmente não falaram coisa alguma. Como houve variações na manifestação das pausas seria interessante saber o que caracterizaria o perfil de participantes com discursos interrompidos por pausas e de participantes com discursos contínuos.

A seguir, três excertos das participantes P24 (grupo não-clínico) e P17 (grupo clínico) serão apresentados, com o objetivo de aprofundar a análise feita até o momento. As participantes foram escolhidas por suas falas representarem de forma aproximada os perfis

delineados para cada grupo. Ambas são do sexo feminino e casadas. P24 tem 41 anos enquanto P17 tem 45, conforme dados da Tabela 6.

*P24: Mulher com meu marido classifico 4. Repete. Por meu pai, eu boto baixo, 2, por ser uma pessoa que sempre foi extremamente possessiva. Com minha irmã eu me identifico totalmente, em todos os sentidos de mulher, por sermos irmãs gêmeas, uma sempre ajudou a outra, sempre tivemos muita afinidade... Mulher com uma pessoa conhecida, com uma tia de meu marido, que sempre foi uma pessoa que tem muita amizade, muito companheirismo, eu daria 4, com minha amiga, vou dar 4 pelo fato de sermos mulher, uma entender a outra, contamos as dificuldades, se ajudando. Uma figura no meu sonho, é uma figura que eu sempre vejo, é uma pessoa bem-sucedida, uma pessoa de alto astral, com muita luz, um anjo. Um personagem num livro... eu como mulher, seria como a Catarina de “Muitas vidas, muitos mestres”, de Brian Weiss, ponho 4. Uma personalidade da música... me identifico muito com o Bono Vox do U2, uma pessoa problemática com mulher tem a minha cunhada, ***** (nome da cunhada), uma pessoa extremamente difícil, eu como mulher com ela não me identifico em nada!.*

O trecho acima evidencia os aspectos até agora citados. P24 apresentou uma fala contínua, de caráter essencialmente descritivo, como em “*Um personagem num livro... eu como mulher, seria como a Catarina de “Muitas vidas, muitos mestres”, de Brian Weiss, ponho 4*”, e também com raciocínio lógico explicitado em “*com minha amiga, vou dar 4 pelo fato de sermos mulher, uma entender a outra, contamos as dificuldades, se ajudando.*”. Há uma circulação entre as diferentes relações propostas, sem que sejam explicitados os pontos de mudança no discurso. Há também a referência constante a momentos remotos no passado, um sinal da dimensão temporal do self, como em “*por sermos irmãs gêmeas, uma sempre ajudou a outra, sempre tivemos muita afinidade...*”.

P17: Com relação ao meu pai, razoável, ele sempre me criticou, porque os outros eram mais inteligentes, sabiam mais matemática que eu, na realidade eu fui desprezada por ele. Mulher em relação aos meus filhos, (pausa) 4, eu me dou muito bem com eles, mas eles querem me dominar. Eles querem me dominar... eles só querem que eu viva para eles, em função deles, e esqueça de mim...

Mulher, em relação a meu irmão, eu me sinto bem, ele não se mete na minha vida. A minha irmã, tem uma que se mete muito na minha vida e me deixa assim, de astral baixo... Tem uma irmã minha que quer me dominar, e me chamou de egoísta, e eu não me acho egoísta, porque eu sou uma pessoa muito dedicada para a minha família...

O trecho destacado de P17 evidencia uma temática conflitiva ao longo de várias avaliações. A tentativa de dominação aparece como uma fonte constante de preocupação, e perpassa o diálogo, repetindo-se nas relações entre as diferentes posições. A dimensão temporal também aparece aqui em “*Tem uma irmã minha que quer me dominar, e me chamou de egoísta, e eu não me acho egoísta*”. Este trecho, inclusive, demonstra o tipo de diálogo imaginário que marca a teoria do self dialógico. Trata-se da participante atualizando internamente um diálogo com a irmã, que surge enquanto posição externa de seu self.

P17: Alguém na minha imaginação, uma pessoa que eu gostaria que fosse um parceiro ideal, mas na realidade não existe ninguém perfeito... essa pessoa seria um sonho, uma imaginação, é utopia... Alguém que eu admiro, principalmente uma mulher, ela consegue conciliar todas as coisas que acontecem. Alguém que eu amo... eu amo muito (pausa). Uma pessoa problemática, é uma amiga minha, uma pessoa problemática, é uma amiga minha (repetição), mas eu me dou muito bem com ela, e ela tem vários problemas (pausa). Meu ex-companheiro, seria no caso meu primeiro namorado... que eu amei muito... ele significou muita coisa pra mim... e talvez eu ainda viva esse sonho que eu não consigo realizar, talvez aqui esteja a chave de todos os meus problemas... das minha não-realizações.

Este trecho, da mesma participante, ilustra a fala constantemente interrompida por pausas curtas e também longas que duravam de 5 a 30 segundos, outra característica da fala observada no grupo clínico. Além disso, novamente surge uma temática conflitiva que se repete na avaliação da relação entre diferentes posições, com a posição externa alguém na minha imaginação e meu ex-companheiro. A temática seria a de uma situação ideal, perdida e atualmente inalcançável.

3.3.2. A Matriz de Valorações e Afetos

Na matriz de valorações e afetos do RPP o participante escolhe as posições que ele considera mais relevantes para definir a si mesmo. Trata-se de um processo decisório e profícuo para a observação da dialogicidade em 3 aspectos: 1) a ativação de diferentes redes de significado associadas a determinada posição; 2) intrusão de posições deslocadas; e 3) emoções deslocadas, associadas a episódios pouco usuais.

P5: (Sobre a posição brincalhona): *E também que, por exemplo, o meu pai também é uma pessoa brincalhona, e ele faz piada o tempo inteiro com tudo, então é uma coisa que eu - e ele sempre foi assim, é uma coisa que eu cresci gostando desse jeito dele... (mais adiante) Por exemplo, uma amiga minha, que por sinal é aquela a que eu me referi quando eu marquei “minha amiga” (a posição)... ela... hmmm... tem bastante contato com a nossa família, em geral, assim, e... é uma coisa que marcou ela muito na primeira vez que ela foi lá em casa, que a nossa família tá sempre, hmmm...como é que eu vou dizer, a minha família inteira não só o núcleo familiar como pai e mãe e irmãos, como toda a família do meu pai quando eu vou visitar eles é sempre assim, a gente não pode deixar a bola “picando”, como se chama, sempre vem alguém pra chutar...*

Nota-se, neste trecho, que a posição brincalhona apareceu estreitamente relacionada no discurso com as posições externas pai e amiga. Não por acaso, a relação de brincalhona com pai e amiga na matriz de posições internas e externas de P5 é 5 e 4, respectivamente. Este é um exemplo, então, de como uma alta ligação entre duas posições (dado quantitativo do RPP) se refletiu na fala da participante por meio de sua evocação associada (dado qualitativo do RPP).

A fala produzida pela matriz de valorações e afetos tornou-se um veículo para a expressão de conflitos conscientes e inconscientes do indivíduo. Aqui, nota-se a continuação da tendência a um discurso mais segmentado, cuja temática é conflitiva, na fala dos participantes em psicoterapia. Um exemplo segue:

P5: (Falando de seu lado otimista): *Hmmm... essa posição eu fiquei muito em dúvida entre otimista e cético, na verdade, mas eu botei Eu acho que otimista eu sempre fui. Cética eu me tornei ao longo do tempo. Então por isso eu coloquei otimista... e... é uma coisa assim que eu... eu sou principalmente otimista em relação a mim, mesmo, então as coisas, as minha coisas, sabe?*

A participante deixa clara aqui uma disputa entre as vozes de diferentes posições internas (otimista e cética), cada uma com sua própria forma de ver o mundo. O discurso é intercalado por pausas e quebras em seu fluxo, notabilizando essa disputa. A participante prossegue em sua fala, contando histórias sobre seu lado otimista, até que ao fim faz uma diferenciação entre otimismo interno e externo, como mostra o excerto a seguir.

Pesquisador: *Tem mais alguma coisa que tu querias acrescentar?*

P5: *Não sei, fora o fato de que é uma coisa assim, totalmente pessoal o meu otimismo, é só em relação a mim mesma, normalmente em relação a fatores externos eu tendo a ser mais pessimista do que otimista...*

O trecho final, ressaltando a particularidade do otimismo de P5, surge como uma espécie de solução mediadora entre a posição que foi escolhida e aquela que foi preterida. A presença da posição cética no discurso reflete-se também nos escores apresentados pelas duas posições: 8 quanto ao otimismo, e 22 com relação ao ceticismo, sugerindo que a segunda encontra-se muito mais enraizada e presente no momento. A opção pela posição mais enfraquecida parece ser uma opção teleológica, a partir do desejo da participante. Fica claro aqui o pensamento direcionado ao futuro, uma capacidade projetiva do self. Cabe ressaltar que P5 faz parte do grupo clínico e sua dialogicidade apresenta escore de 2,35 (abaixo da média de seu grupo).

Em alguns momentos, pode-se observar a “intrusão” de posições que nem ao menos haviam sido citadas na matriz de posições internas e externas dentro do discurso, como no exemplo de P32.

P32: (Sobre a posição alguém que busca reconhecimento) *Porque eu tenho uma baixa estima, né, não tenho uma auto-estima, eu tenho uma “baixo-estima”, eu... eu sou assim... eu tenho essa coisa de não... de não me valorizar. (mais adiante) Tipo, em relação à profissão isso, sendo um cara bem-sucedido, não tendo nenhum... nenhum problema assim, tanto faz financeiro ou de relacionamento com as pessoas com quem eu trabalho, e pessoal... ser um cara bom assim, poder ser feliz, tranquilo, sem ter preocupações sérias.*

Pesquisador: *Como?*

P32: *Uma preocupação séria? Ah, ser como eu fui há muito tempo atrás de, hmmm... não ser fiel, andar sempre se escondendo, e o telefone sempre desligado,*

esse tipo de coisa que é um a preocupação séria (sorri para o entrevistador). Mas, atualmente assim, a preocupação mais séria que eu já tenho sem precisar ter é ter um filho, né, cara. Botar um filho num mundo como está agora e poder criar essa criança, tipo, dar exemplo, conseguir sustentar, dar boas oportunidades, esse tipo de coisa é uma preocupação séria que eu tenho. (pausa) É meio inevitável no meu caso porque a minha esposa quer ter filhos, eu sempre quis ter filhos, só que as coisas vão evoluindo para um lado muito ruim, assim, porque... como eu falei antes, como está o mundo agora a situação financeira é uma coisa bem preocupante

A partir desse ponto, P32 passa a discorrer sobre as dificuldades de ser pai. A posição interna pai, porém, não faz parte de seu repertório do RPP. Seu escore de dialogicidade é baixo ($D = 2,26$) com relação à média de seu grupo, o não-clínico. Um detalhe a ser acrescentado é o de que, cerca de dois meses após a coleta de dados, o participante procurou o pesquisador buscando orientações sobre como iniciar uma psicoterapia. Diante desse quadro, torna-se plausível supor que uma posição interna relevante para o self (no caso, pai), pode encontrar-se totalmente isolada, de forma a infiltrar-se na fala do indivíduo em momentos diversos, e que esse isolamento pode, por si só, constituir-se em um sinal de psicopatologia. Este entendimento está claramente de acordo com o que postula Hermans (2001b), e pode ser considerado um exemplo do que Lysaker e Lysaker (2002) consideram a monologização do self.

Tanto P5 quanto P32 apresentaram em suas narrativas, de forma direta ou indireta algum tipo de conflito: P5, na disputa entre a posição otimista e a posição cética; P32 ao falar das dificuldades de vir a ser pai. O caso de P32 foi peculiar, pois o conflito é uma antecipação, uma reflexão sobre uma condição que ainda não havia sido assumida. Um exemplo claro da presença de posições imaginárias no self.

Os conflitos e dificuldades também se refletem em suas ligações com outras posições externas. Um exemplo está no seguinte trecho de P9 (do grupo clínico).

P9: (Falando sobre sua opção pela posição desiludida): *Basicamente porque é uma coisa que marcou muito a minha vida, e eu acho que vou carregar para sempre. Uma coisa, a única coisa que eu sempre quis na minha vida eu não consegui. Então... o que eu quis fazer sempre e eu achava que ia ser a base da minha vida eu não consegui. (pausa) Desde criança eu pensava em fazer*

medicina, e eu sempre tive isso como um objetivo... (mais adiante) Tanto é que depois eu nunca mais consegui estudar como antes, nunca mais tive concentração e vontade, nunca mais eu consegui, tive (pausa) meio que eu fiquei com um bloqueio de não estudar mais e não querer mais muito em relação a isso. E também o meu irmão, com o meu irmão também aconteceu uma coisa parecida, ele sempre quis ser jogador de futebol, e também era a única coisa que ele queria na vida e... ele também não conseguiu. (mais adiante) E depois de alguns anos a história, a lógica da história se repetiu comigo, né?

A narrativa de P9 traz um conflito mal resolvido e sugere que existem posicionamentos semelhantes dentro de seu grupo familiar. A posição desiludida aparece associada às posições pai, mãe e irmão (valor 4 nas três relações) na matriz de posições internas e externas, o que sugere a existência de uma rede de posições cujo centro seria essa posição. Narrativas com emoções deslocadas, associadas a um determinado episódio de forma pouco usual, surgiram em algumas falas.

P9: (Falando sobre a posição minha consciência) *Até, por exemplo, tem pessoas do laboratório que não queriam matar filhotes com tesoura porque não tinham coragem, mas é a melhor maneira de matar eles, porque eles morrem na hora... eu ficava apavorada, eu ficava esperando a pessoa terminar de fazer as coisas para eu ir matar, eu pegava e matava (risos). Rapidinho, assim, decepava a cabeça, tac-tac-tac, em série, né?*

P24 e P17 também apresentam narrativas que podem ser contrastadas na segunda matriz. A continuidade no padrão narrativo de cada uma também pode ser observado na comparação dos seguintes excertos com os anteriores das duas participantes.

P24: (Sobre a posição esposa) *Esse meu lado esposa, geralmente eu acho que me fecho muito nesse lado da esposa, sabe, porque eu gosto de ser assim, ser mãe, companheira da minha filha, do meu marido, aquela parte assim, de ser unido, de ter aquela confiança, então por isso que eu escolhi esse lado da esposa, eu acho que eu me encaixo muito com o **** e com a ****. Na verdade né, no lado esposa com o **** em todos os sentidos, né, de confiança, claro que a gente sempre tem aquele lado, a mulher sempre é mais acessível, tem que*

abrir a mão de algumas coisas, mas eu me fecho nesse lado ali. Eu me sinto assim, uma mulher completa, por eu ter casado com o meu marido, por tentar ser essa esposa, a melhor companheira possível pra ele, e também de ter essa filha linda e maravilhosa que Deus me deu, então com isso eu me sinto realizada, né, pelo fato de eu poder ser esposa, e mãe também, né. A vida é feita de tantas coisas importantes, mas eu acho que toda mulher sonha um dia em ser esposa, ser casada com alguém, ter a sua casa, tua liberdade, iniciar uma vida nova, totalmente diferente.

P17: *Você quer assim, a mulher no lar, a mulher... no lar né, que seja dedicada, que eu sou dedicada... Eu achava que isso era importante, mas agora, depois de madura, eu acho que isso não é tão importante, porque não adianta a casa brilhando, todas as coisas no lugar, e eu infeliz como mulher... Não adianta eu aparentar um relacionamento para a sociedade, se eu não me considero uma mulher para o meu marido. Tem várias histórias... (pausa)... A mulher que trabalha, uma mulher trabalhadora que luta, que vence as dificuldades... e que tenha liberdade, por exemplo, eu sou uma mulher mas eu não tenho essa liberdade... de escolher as minhas próprias amizades. O meu marido me tolera... tolera as – bitola as minha amizades, até por sinal agora ele ficou lá, não me perguntou porque, eu disse “vou terminar de responder um questionário”, mas ele não gostou muito, agora o porquê não sei (pausa).*

P24 apresenta um discurso uniforme, sem temáticas conflitivas, e contínuo. Trata-se de uma repetição do que já havia sido observado na primeira matriz. P17 continua com temáticas relativas a conflitos, no caso com seu marido, e sua fala apresenta pausas e interrupções que são características dos participantes do grupo clínico.

3.4 Discussão Preliminar dos Resultados da Análise Qualitativa (Interpretação Fenomenológica)

O que sugerem os resultados qualitativos acima? Em primeiro lugar, eles parecem reforçar a concepção de que um indivíduo pode transitar por diferentes perspectivas enquanto passa pelo processo de responder o RPP. Estas perspectivas podem ser entendidas como as diferentes posições do self dialógico (Hermans, Kempen & Van Loon, 1992).

As falas produzidas a partir da tarefa proposta pela matriz de posições internas e externas resultam em um fluxo de pensamentos que apresentam as características que são atribuídas ao self dialógico. Primeiramente, há uma descontinuidade no discurso, como numa colcha de retalhos. São realizados movimentos no tempo e no espaço para a atribuição dos escores, quando o indivíduo remete a experiências passadas para formular seu escore, ou imagina como seria sua vida como pai caso tivesse filhos, por exemplo. Cada uma dessas atribuições exige um posicionamento por parte do indivíduo, colocar-se “no lugar” daquela posição específica. Este movimento era suposto por Hermans (2001b), embora o procedimento comum de aplicação não possibilite um vislumbre adequado, como já foi referido por Gonçalves e Salgado (2001). O presente estudo, com a adição da fala em voz alta, parece ter dado um passo adiante para observar esse movimento *in loco*.

As constantes mudanças de perspectiva, porém, não parecem oferecer nenhum indício de que haja realmente uma metaposição que represente uma avaliação mais distanciada de todo o movimento dialógico durante a aplicação do RPP. Os dados obtidos apóiam as críticas ao conceito apresentadas por Barresi (2002), Gonçalves e Salgado (2001). O fio condutor do self parece ser muito mais uma forma de equilíbrio emergente e provisória, proveniente das interações entre as diferentes posições investidas ou não de voz, sem nenhuma posição especificamente mais privilegiada para realizar uma síntese. A síntese, porém, existe, e em vários momentos os participantes realizam ligações entre os diferentes conteúdos sobre os quais são solicitados a responder. Esta função sintética, porém, não implica necessariamente em uma posição centralizadora, caso o self dialógico seja entendido como um sistema *bottom-up*. O estudo dos resultados qualitativos possibilita a formação de um perfil narrativo geral dos participantes dos dois grupos (ver tabela 7).

Quanto aos elementos comuns identificados ao longo da atribuição de escores para diferentes relações (a idéia de estar sendo dominada para P17, por exemplo), pode-se entender o fenômeno através do conceito de temática horizontal e vertical. Foram identificadas temáticas horizontais, ou seja, que estão presentes na fala ao longo das pontuações em diferentes posições externas para uma posição interna específica. Também podem existir temáticas verticais, que estão presentes na fala ao longo das pontuações em diferentes posições internas para uma posição externa específica. Porém, esse tipo de temática não foi observado no presente estudo, tendo em vista que os participantes respondiam ao RPP da esquerda para a direita, e não de cima para baixo (ou seja, tendo as posições internas como referência, conforme o procedimento padrão). A figura 4 apresenta um esquema das temáticas citadas.

Tabela 7. *Perfis Narrativos dos Grupos Clínico e Não-clínico*

Grupo clínico	Grupo não-clínico
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Presença acentuada de pausas (descontinuidade); ▪ Diálogos explícitos em diversas formas; ▪ Temáticas de conflito; ▪ Ocultação de posições; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Presença menos acentuada de pausas; ▪ Ênfase na descrição de procedimento e raciocínio lógico; ▪ Ausência de temáticas de conflito;

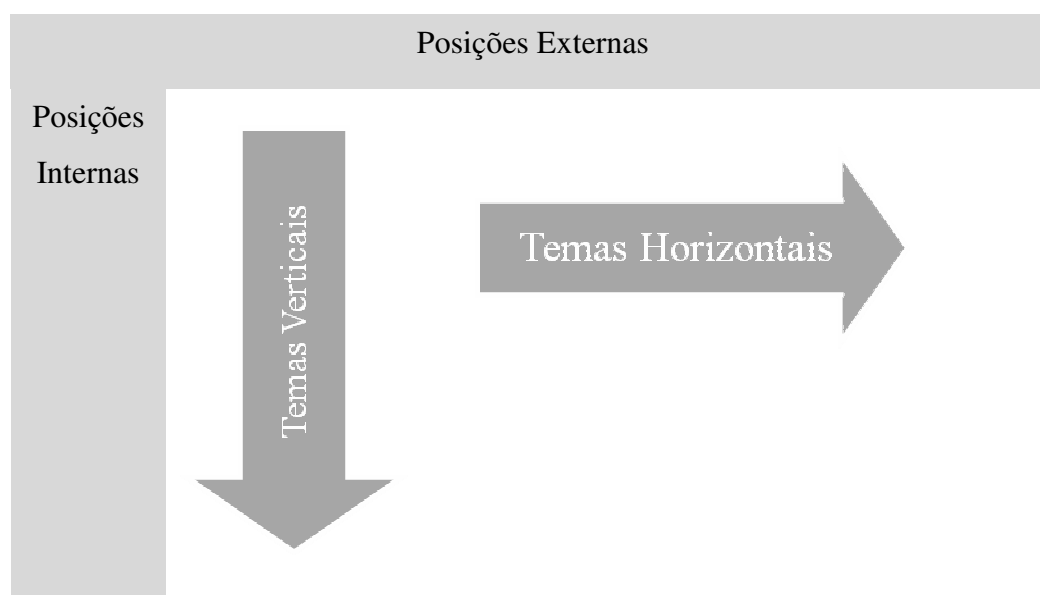


Figura 4. Esquema os temas presentes na matriz de posições internas e externas.

Ao menos duas interpretações apresentam-se diante dos temas recolhidas no exercício de estabelecer relações entre posições internas e externas. A primeira interpretação é que os temas são produtos do fluxo de pensamento independentemente da posição referida, ou seja, que ocorrem em paralelo à troca de posições, e, nesse sentido, seriam apenas suscitadas por uma relação entre posições, e seguiriam como pano de fundo, influenciando as atribuições subseqüentes. A segunda interpretação é que os temas seriam manifestações das redes de posições ativadas, cujo centro seria a posição interna de referência. Assim, no exemplo de

P17, o tema dominação é o que liga a posição interna mulher e as posições externas filho e irmã. A segunda interpretação parece em uma primeira análise, mais consistente com os dados e com a teoria do self dialógico, contudo a primeira não pode ser descartada e deve ser examinada com cuidado.

A segunda parte dos resultados qualitativos é proveniente da matriz de valorações e afetos do RPP. Sua característica é diferente da anterior porque aqui um foco definido é proposto (falar sobre as duas posições internas escolhidas), e há a presença física do pesquisador como facilitador do processo. Conseqüentemente, surgem falas mais focadas e mais próximas de uma narrativa estruturada. Ainda assim, fazem-se presentes elementos que reforçam a idéia do equilíbrio entre posições (P5), em uma interação complexa envolvendo a acomodação das mesmas de acordo com sua proeminência, e podendo inclusive resultar na ocultação de algumas delas (P32).

Diante dos resultados, parece claro que o processo decisório que deve ser realizado pelo participante gera uma situação interna em que as posições emergem, e, de certa forma, competem, como no exemplo de P5. Este diferencial (a necessidade de escolha), por si só suscita material relevante tanto clínico quanto de pesquisa.

Os resultados qualitativos oferecem novos elementos para que seja pensada a situação clínica de um indivíduo. Os participantes em psicoterapia formularam narrativas conflituosas e truncadas, sugerindo que os conflitos emergentes no *setting* terapêutico têm reflexo nas falas produzidas, possivelmente direcionando de antemão o conteúdo apresentado.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

Os resultados quantitativos e qualitativos possibilitaram um quadro amplo e propício à exploração e teorização. Tendo em vista as questões de pesquisa, alguns tópicos são de particular relevância para a sua discussão.

4.1 O RPP tem poder de discriminação quanto à situação de psicoterapia?

Os dados obtidos sugerem que sim. A medida de dialogicidade proposta, embora seja uma simplificação que não pode ser tomada isoladamente, distinguiu os dois grupos com sucesso na matriz de posições internas e externas. Os dois grupos também foram distintos em suas verbalizações. As colocações de Hermans (2001b) sobre as possibilidades do instrumento foram, de certa forma, confirmadas, embora os aperfeiçoamentos propostos aqui tenham sido importantes para que isso ocorresse. Conforme já expresso por DeSouza (2005), o RPP não parece captar o self em movimento, obtendo apenas o que poderia ser considerado como uma imagem estática. Esta limitação do instrumento pôde ser parcialmente contornada com a gravação da fala dos participantes.

A medida de dialogicidade é um valor obtido através de auto-relato. Portanto, o RPP faz um levantamento da percepção do indivíduo, e não se pode pretender que a dialogicidade seja mais do que isso. Também é possível que a medida seja sensível a uma característica dos indivíduos, mais do que ao processo psicoterápico em si. Um acompanhamento longitudinal poderia trazer novos elementos que respondessem a essa dúvida.

As verbalizações produzidas pela gravação do RPP, por outro lado, parecem ser claramente indicativas do processo. As temáticas horizontais de conflito apontadas nos resultados podem ser interpretadas como uma manifestação de uma maior reflexividade, além de um foco nos problemas pessoais centrais. Ambas as características são teoricamente encorajadas e desenvolvidas em psicoterapia. Assim, o perfil encontrado no grupo I pode ser atribuído ao processo de atendimento.

Quanto à inovação realizada pela gravação do RPP, este parece ter sido um elemento-chave metodológico. Os processos que foram registrados a partir da fala dos participantes não seriam captados de outra maneira, ao menos não com a mesma riqueza de detalhes. A dificuldade da tarefa, embora tenha sido determinante para que alguns ficassem calados, também possibilitou a emergência de processos que, em situações de pouca exigência

cognitiva, dificilmente atingiriam a consciência e seriam verbalizados. A figura 5 é uma ilustração desse processo.

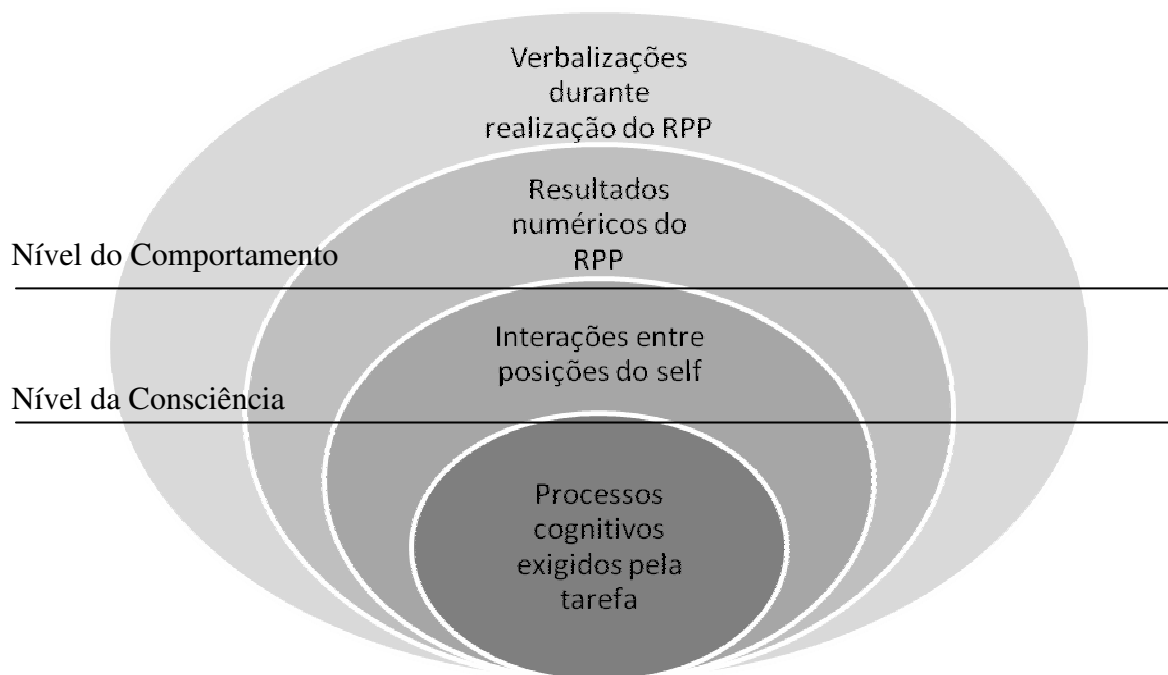


Figura 5. Processos e comportamentos envolvidos na resposta ao RPP e os níveis em que ocorrem.

Assim, encontramos no nível mais inconsciente e menos acessível do modelo os processos cognitivos exigidos pela tarefa, como coordenação motora para escrever. O nível da consciência, mas restrito a manifestações privadas, contém boa parte das interações entre posições do self. O fator determinante para essa configuração (processos cognitivos inconscientes e interações entre posições conscientes) é a tarefa solicitada (responder ao RPP). O nível do comportamento inclui as duas explicitações possíveis das interações dentro do delineamento de pesquisa proposto: os resultados numéricos do RPP e as verbalizações durante a aplicação do instrumento. As camadas sobrepostas na figura 5 indicam que a produção no nível do comportamento só foi possível a partir da acumulação de tarefas cognitivas variadas.

O número de participantes representou um avanço em estudo do gênero, em geral restritos a estudos de caso, permitindo a realização de comparações mais abrangentes. Os dados qualitativos e quantitativos, além de serem complementares, apresentaram correspondências importantes. Isso foi especialmente visível quando se constatou que posições que surgiam no discurso estavam intimamente relacionadas àquelas que já estavam sendo verbalizadas. As redes associativas formadas por diferentes posições interligadas foram

acionadas. Assim, a medida de relação entre duas posições (0 a 5) é referência para indicar que conteúdos podem emergir em um dado momento do discurso do participante. Ou seja, os dados quantitativos do RPP são representativos da narrativa dos indivíduos. As diferenças quantitativas refletem diferenças qualitativas e clínicas, em um conjunto integrado de evidências.

4.2 Quais pressupostos da teoria do self dialógico foram reforçados, e quais foram enfraquecidos?

A multiplicidade de vozes do self pareceu bastante clara a partir dos dados obtidos. A existência de uma hierarquia entre as vozes, conforme proposto por Hermans (2002), apareceu na identificação de núcleos de posições externas mais relacionados com posições internas. Trata-se de uma hierarquia na disputa de poder entre as posições. A identificação de posições ocultas que surgiram no discurso dos participantes de forma inesperada caracteriza uma hierarquia na intensidade e quantidade de ligações. A consideração de Valsiner (2002), que afirmou que o self seria um “solucionador de problemas preguiçoso”, buscando momentos de síntese apenas quando necessário, parece refletir a atividade de responder ao RPP. A cada momento, a fala dos indivíduos sugere uma organização tênue e momentânea, enfocada na tarefa proposta pelo pesquisador. A descentralização e a descontinuidade também foram características presentes no discurso dos participantes, podendo ser consideradas um reflexo do self dialógico.

As críticas de Barresi (2002) à teoria encontraram eco nos resultados do presente estudo. A organização tênue de posições, sujeita a mudanças repentinas, enfraquece a idéia de que o indivíduo assumiria uma metaposição ao responder ao RPP. Cada resposta pareceu vir de uma pessoa posicionada (dando voz a posições específicas), sem uma visão privilegiada do próprio mundo interno. De certa forma, pode-se propor que seria mais coerente assumir que, dentro do self dialógico, em momento algum a noção de todo encontra-se presente. A visão do indivíduo é sempre parcial e incompleta. E por essa razão, seus julgamentos nunca são definitivos, e enganos e mudanças de idéia são freqüentes.

4.3 A teoria do self dialógico é realmente uma teoria do self ou de identidades?

Tomando como base as definições de self e identidade de Wiley (1994, 2006), a teoria do self dialógico seria melhor definida como teoria das identidades dialógicas. A função reflexiva e centralizada do self, tão cara ao autor, não encontra paralelo na teoria dialógica. O conceito de metaposição, que poderia assumir um lugar análogo ao desse self centralizado,

não se sustenta teoricamente e empiricamente diante do conjunto da teoria e dos dados analisados. Os termos *self* e identidade são utilizados quase como sinônimos.

A função de gerador de significados, assim, é atribuída apenas ao conjunto do *self* dialógico (quase uma coleção de identidades), uma propriedade emergente do todo. A função, em um dado momento, centralizaria os processos do *self*. Seria o eu, conforme o conceito de James (1890). Essa centralização, que poderíamos chamar de “dar voz” às posições, circularia pelo espaço do *self* ao longo do tempo. A circulação entre as diferentes posições, ativaria redes de outras posições ligadas a elas. E a ativação dessas redes aumentaria a chance de que posições que fazem parte delas fossem ativadas também, ou “recebessem voz”.

Tal concepção é apoiada pelo conceito de temática horizontal, já abordado. Também existem evidências pela observação de que, na fala dos participantes, as posições que se encontravam fortemente relacionadas com aquelas que estavam sendo discutidas na matriz de avaliações e afetos surgiam frequentemente. A idéia de que as ativações das posições reforcem as relações entre elas e delimitem um espaço para a função geradora em um determinado momento completa uma noção importante: o paralelo entre o funcionamento do *self* dialógico e as ativações neuronais no cérebro. Ambos seriam caracterizados por um fluxo parcialmente determinado por essa história de relações entre seus elementos e destes elementos com o mundo. Porém, com espaço e possibilidades de mudança, conforme fatores inicialmente externos ao sistema, mas mantendo uma função homeostática de sobrevivência.

4.4 Quais os limites dos resultados obtidos no estudo?

O presente estudo tem limites bem definidos com relação à sua abrangência. Um deles é aquele imposto pela natureza do público e situação estudados. Estudar indivíduos em psicoterapia é uma tarefa árdua, tornada ainda mais complicada pela dificuldade em se obter a colaboração de pacientes e, em especial, de psicólogos. Este fator (a acessibilidade) faz com que a formação de amostras homogêneas seja rara em estudos no campo.

A impossibilidade de generalização dos resultados obtidos também é um fator importante. A natureza da amostra obtida exige esse cuidado, e a discussão dos resultados ocorre tendo esse aspecto em vista. O próprio RPP ainda não tem suas propriedades psicométricas devidamente avaliadas, tendo apenas sido adaptado para uso no Brasil (DeSouza, 2005). Os dados obtidos referem-se a essa amostra em particular, e sua aplicação em âmbitos diferentes deve ocorrer de forma experimental.

O caráter exploratório da pesquisa também consiste em um limite importante. Os dados obtidos são únicos de diversas maneiras e, portanto, não podem ser discutidos com

toda a profundidade e especificidade desejada, além de não poderem ser adequadamente comparados com outros estudos da área.

O estudo realizado foi transversal, ou seja, coletou dados em apenas um momento específico da vida dos participantes. Tendo em vista a natureza do objeto de estudo (o self dialógico) e a situação escolhida (psicoterapia), um estudo longitudinal poderia acrescentar dados riquíssimos, além de esclarecer em que medida a teórica fluidez do self se confirma na prática. Por fim, o RPP, alcançando apenas as percepções que o indivíduo tem de si, sofre as mesmas restrições de todo instrumento de auto-relato.

4.5 Considerações Finais

A pesquisa em questão apresenta resultados que são relevantes em três níveis diferentes: teórico, metodológico e prático.

As contribuições teóricas incluíram a verificação de diversos postulados a partir da produção de evidências de natureza diferente daquela que caracteriza a maioria dos estudos sobre o self dialógico. Em particular, produziram-se evidências em favor das principais características do self teórico: descentralizado, descontínuo, formado por diferentes posições que interagem entre si. Um postulado em especial, o da metaposição, não foi reforçado pelos dados obtidos.

Outras contribuições teóricas foram as análises que produziram conceitos novos, como a dialogicidade (medida do RPP), temáticas horizontais e a identificação de padrões de dialogicidade de figuras próximas e de figuras afastadas.

As contribuições metodológicas envolveram o desenvolvimento de novas formas de análise dos dados quantitativos do RPP e a implementação da fala em voz alta durante a aplicação da matriz de posições internas e externas.

Por fim, as contribuições práticas consistem no estudo de indivíduos em psicoterapia, resultando na geração de conhecimento que pode ser aplicado por psicólogos clínicos. O estudo aprofundado e as modificações ao procedimento de aplicação do RPP também são importantes para a prática clínica.

O presente estudo apresenta-se como uma exploração de diversas frentes de conhecimento, abrindo caminho para novos desdobramentos, principalmente na relação entre a teoria e a prática da psicoterapia.

REFERÊNCIAS

- Barresi, J. (2002). From 'the thought is the thinker' to 'the voice is the speaker'. *Theory & Psychology*, 12, 237-250.
- Beebe, J. (2002). An archetypal model of the self in dialogue. *Theory & Psychology*, 12, 267-280.
- Blackman, L. (2005). The dialogical self, flexibility and the cultural production of psychopathology. *Theory & Psychology*, 15 (2), 183-206.
- Bruner, J. (1986). *Actual minds, possible worlds*. Cambridge: Harvard University Press.
- Costa, P.T. & McCrae, R.R. (1992). *The NEO Personality Inventory and NEO Five-Factor Inventory Professional Manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Crick, F. & Cock, C. (2003). A framework for consciousness. *Nature Neuroscience*, 6, 119-126.
- Damásio, A. R. (2000). *O mistério da consciência* (L. T. Motta, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em inglês em 1999)
- DeSouza, M. L. (2005). *Self semiótico e self dialógico: uma investigação da reflexividade da consciência*. Tese de Doutorado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- DeSouza M., DaSilveira A. & Gomes, W. (no prelo). Verbalized inner speech and the expressiveness of self consciousness. *Qualitative Research in Psychology*
- Dimaggio, G. (2006). Changing the dialogue between self voices during psychotherapy. *Journal of Psychotherapy Integration*, 16 (3), 313-345.
- Fogel, A., Koeyer I., Bellagamba F. & Bell, H. (2002). The dialogical self in the first two years of life. *Theory and Psychology*, 12, 191-205.
- Gieser, T. (2006). How to transform into goddesses and elephants: exploring the potentiality of the dialogical self. *Culture & Psychology*, 12 (4), 443-459.
- Gonçalves, M. M. & Salgado, J. (2001). Mapping the multiplicity of the self. *Culture & Psychology*, 7, 367-377.
- Herman, D. (2003). *Narrative theory and the cognitive sciences*. Stanford: Center for the Study of Language and Information Publications.
- Hermans, H. J. M. (1996). Voicing the self: From information processing to dialogical interchange. *Psychological Bulletin*, 119, 31-50.

- Hermans, H.J.M., & Kempen, H.J.G. (1998). Moving cultures: The perilous problems of cultural dichotomies in a globalizing society. *American Psychologist*, 53, 1111–1120.
- Hermans, H. J. M. (2001a). The dialogical self: toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, 7, 243-281.
- Hermans, H. J. M. (2001b). The construction of a personal position repertoire: method and practice. *Culture & Psychology*, 7, 323-365.
- Hermans, H. J. M. (2002). The dialogical self as a society of mind. *Theory & Psychology*, 12, 147-160.
- Hermans, H. J. M. (2003). The construction and reconstruction of a dialogical self. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 89-130.
- Hermans, H. J. M., Kempen, H. J. G. & Van Loon, R. J. P. (1992). The dialogical self: beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47, 23-33.
- Hermans, H. J. M. & Kempen, H. J. G. (1993). *The dialogical self: meaning as movement*. San Diego: Academic Press.
- Hutz, C. & Nunes, C. (2001). *Manual da escala de ajustamento emocional/neuroticismo - EFN*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- James, W. (1990). *The principles of psychology*. Chicago: Encyclopaedia Britannica. (Original publicado em 1890).
- Johnson, S. (2000). *Emergência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lanigan, R. (1992). *The human science of communicology*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Leiman, M. (2002). Toward semiotic dialogism: the role of sign mediation in the dialogical self. *Theory & Psychology*, 12, 221-235.
- Lewis, M. D. (2002). The dialogical brain. *Theory & Psychology*, 12, 175-190.
- Liebowitz, M.R., Stallone, F., Dunner, D.L., & Fieve, R.F. (1979). Personality feature of patients with primary affective disorder. *Acta Psychiatrica Scandevinavica*, 60, 214-224.
- Lysaker, P. H. & Lysaker, J. T. (2002). Narrative structure in psychosis: schizophrenia and disruptions of the dialogical self. *Theory & Psychology*, 12, 207-220.
- Lysaker, J. T. (2006). “I am not what I seem to be”. *International Journal for Dialogical Science*, 1, 43-45.
- Mithen, S. (1996). *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo: Editora UNESP.
- Raggat, P. T. F. (2000). Mapping the dialogical self: towards a rationale and method of assessment. *European Journal of Personality*, 14, 65-90.

- Rigotto, S. D., Gomes, W. B. (2002). Contextos de abstinência e de recaída na recuperação da dependência química. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 95-106.
- Rolland, A. (2001). Another voice and position: psychoanalysis across civilizations. *Culture & Psychology*, 7, 311-321.
- Stemplewska-Żakowicz, K., Walecka, J., & Gabińska, A. (2006). As many selves as interpersonal relations (maybe even more). *International Journal for Dialogical Science*, 1, 71-94.
- Valsiner, J. (2002). Forms of dialogical relations and semiotic autoregulation within the self. *Theory & Psychology*, 12, 251-265.
- Wiley, N. (1994). *The semiotic self*. Chicago: The Univ. Chicago Press
- Wiley, N. (2006). Pragmatism and the dialogical self. *International Journal for Dialogical Science*, 1, 5-21.
- Yau-fai Ho, D., Chan, S. F., Peng, S., Ng, A. K. (2001). The dialogical self: converging east–west constructions. *Culture & Psychology*, 7 (3), 393-408.

ANEXO A

Lista padronizada de posições internas e externas (Hermans, 2001b) – versão brasileira

Posições Internas	Eu como alguém estável
Eu como um homem	O ponto forte do meu corpo
Eu como uma mulher	O ponto fraco do meu corpo
Eu como pai	Eu como eu sou comigo mesmo/a
Eu como mãe	Eu como eu em mostro em público
Eu como um filho dos meus pais	
Eu como marido	Posições Externas
Eu como esposa	Meu marido/companheiro
Eu como colega	Minha esposa/companheira
Eu como profissional	Meu pai
Eu como membro de uma comunidade cultural	Minha mãe
Eu como alguém que busca liberdade	Meu sogro
Eu como vítima	Minha sogra
Eu como idealista	Meus filhos
Eu como independente	Meu irmão
Eu como brincalhão/ona	Minha irmã
Eu como místico/espiritual	Meu primo
Eu como alguém que busca calor humano	Meu avô
Eu como sacrificado/a	Minha avó
Eu como dependente	Um/a conhecido/a
	Um/a colega de aula
Eu como sexual	Meu/minha professor/a
Eu como indeciso/a	Meu/minha colega
Eu como lutador/a	Meu/minha subordinado/a
Eu como compreensivo/a	Meu/minha chefe
Eu como aventureiro/a	Meu/minha amigo/a
Eu como dominador/a	Meu/minha namorado/a
Eu como alguém que aproveita a vida	Uma figura no meu sonho
Eu como traidor/a	Uma personalidade da TV
Eu como alguém que busca reconhecimento	Um personagem em um livro
Eu como vingativo/a	Uma figura na música
Eu como exigente	Alguém que está morto
Eu como ciumento/a	Alguém na minha imaginação
Eu como perfeccionista	Alguém que eu admiro

Eu como culpado/a	Alguém que eu amo
Eu como otimista	Uma pessoa problemática
Eu como vulnerável	Meu/minha ex-companheiro/a
Eu como desiludido/a	Alguém com quem pratico algum esporte
Minha consciência	Meu/minha adversário/a
Eu como alguém estável	Meu animal de estimação
Eu como sonhador/a	Um grupo ao qual eu pertenço
Meu lado masculino	Um grupo ao qual eu não pertenço
Meu lado feminino	Um grupo ao qual eu pertenci no passado
A criança em mim	Um outro grupo cultural
Eu como pessimista	Meu/minha terapeuta
Eu como temeroso/a	Um ser sobrenatural
Eu como materialista	Minha casa
O ponto forte do meu corpo	Algo na natureza

ANEXO B

Questões para gerar valorações (Hermans, 2001b) – versão brasileira

Grupo 1: O Passado

Estas perguntas pretendem guiá-lo na revisão de um ou mais aspectos da sua vida que devem ter sido de grande importância para você.

- Houve algo de maior significado no passado da sua vida que ainda continua exercendo uma forte influência em você?
- Houve no passado alguma pessoa ou pessoas, experiência ou circunstância que influenciou muito sua vida e ainda afeta consideravelmente a sua existência presente?

Grupo 2: O Presente

Mais uma vez, esse grupo consiste em duas perguntas que, após uma certa reflexão, irão guiá-lo para formular uma resposta.

- Há algo na sua existência presente que é de suma importância para você ou exerce uma grande influência em você?
- Há, na sua presente existência, alguma pessoa, pessoas ou circunstância que exerce(m) significativa influência em você?

Grupo 3: O Futuro

As perguntas a seguir irão guiá-lo para uma resposta:

- Você prevê a ocorrência de algo que vai ser de grande importância ou que vai exercer uma grande influência na sua vida futura?
- Você pressente que uma certa pessoa, pessoas ou circunstância irá exercer uma influência significativa na sua vida futura?
- Há algum objetivo ou objeto que você espera que vá exercer um papel importante na sua vida?

Fique à vontade para pensar no futuro o quão distante quiser.

ANEXO C

Lista de termos afetivos (Hermans, 2001b) – versão brasileira

alegriaP – impotênciaN – auto-estimaS – ansiedadeN – felicidadeP – preocupaçãoN –
forçaS – vergonhaN – divertimentoP – cuidadoO – amorO – alienaçãoN – carinhoO – culpaN
– solidariedadeP – auto-confiançaS – solidãoN – entusiasmoP – confiançaP –
inferioridadeN – intimidadeO – segurançaP – raivaN – orgulhoS – energiaP – decepçãoN –
calma interiorP - liberdadeP

S = Sentimento de auto-afirmação;

O = Sentimentos que se referem ao contato e união com o outro;

P = Sentimentos positivos;

N = Sentimentos negativos.

ANEXO D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Versão Grupo Clínico)

Estamos realizando um estudo sobre personalidade e psicoterapia. Para tanto, solicitamos a sua participação, respondendo a estes instrumentos. O resultado deste estudo vai contribuir para a produção de conhecimento psicológico sobre a prática psicológica. A duração dos procedimentos varia entre uma hora e duas horas e meia, podendo ser dividida em duas ocasiões diferentes.

Pelo presente, declaro que fui informado dos objetivos e da justificativa deste projeto de pesquisa de forma clara. Recebi informações específicas sobre cada procedimento, no qual estarei envolvido. Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento.

Foi-me assegurado:

- O anonimato e a confidencialidade das informações prestadas por mim durante a pesquisa ou após o seu término.
- O direito de me retirar da pesquisa, sem que isto implique em nenhum prejuízo para minha pessoa.

Data: ____/____/____

Nome e assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador responsável: _____

Obs.: O presente documento será assinado em duas vias de igual teor, ficando uma em poder do participante e outra com o pesquisador responsável.

Pesquisadores Responsáveis:

Prof. William B. Gomes

Instituto de Psicologia

Fone: 33165115

Maickel Andrade dos Santos

Instituto de Psicologia

Fone: 92070016

ANEXO E

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Versão Grupo Não-Clínico)

Estamos realizando um estudo sobre personalidade e psicoterapia. Para tanto, solicitamos a sua participação, respondendo a estes instrumentos. O resultado deste estudo vai contribuir para a produção de conhecimento psicológico sobre a prática psicológica. A duração dos procedimentos varia entre uma hora e duas horas e meia, podendo ser dividida em duas ocasiões diferentes.

Pelo presente, declaro que fui informado dos objetivos e da justificativa deste projeto de pesquisa de forma clara. Recebi informações específicas sobre cada procedimento, no qual estarei envolvido. Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento.

Foi-me assegurado:

- O anonimato e a confidencialidade das informações prestadas por mim durante a pesquisa ou após o seu término.
- O direito de me retirar da pesquisa, sem que isto implique em nenhum prejuízo para minha pessoa.
- Total assistência com relação à eventual necessidade de encaminhamento a um serviço de atendimento psicológico.

Data: ____/____/____

Nome e assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador responsável: _____

Obs.: O presente documento será assinado em duas vias de igual teor, ficando uma em poder do participante e outra com o pesquisador responsável.

Pesquisadores Responsáveis:

Prof. William B. Gomes

Instituto de Psicologia

Fone: 33165115

Maickel Andrade dos Santos

Instituto de Psicologia

Fone: 92070016

ANEXO F

Exemplos de trechos das transcrições realizadas

P9 falando sobre a posição desludida: *Basicamente porque é uma coisa que marcou muito a minha vida, e eu acho que vou carregar para sempre. Uma coisa, a única coisa que eu sempre quis na minha vida eu não consegui. Então... o que eu quis fazer sempre e eu achava que ia ser a base da minha vida eu não consegui. (pausa) Desde criança eu pensava em fazer medicina, e eu sempre tive isso como um objetivo, e tanto é que eu nunca... hmmm... antes de vir morar em **** eu nunca fui de fazer nada, eu ficava em casa só tinha uma amiga, não fazia mais nada, mas... (pausa) O que me ajudava era que eu sabia o que eu queria porque eu queria fazer medicina. E... hmmm... eu não passei no vestibular por... porque não sei como... eu fui muito mal em redação... E eu ia sempre bem nas redações até então, eu tinha que tirar 60% da nota da redação para entrar, e eu tirei muito menos que isso, enquanto tinha feito uma média alta no resto, então, depois disso, eu não quis mais nada, e eu fiz vestibular no outro ano sem estudar nada. Até comecei a ficar com medo de não passar, eu nunca mais estudei nada... Tanto é que depois eu nunca mais consegui estudar como antes, nunca mais tive concentração e vontade, nunca mais eu consegui, tive... (pausa)... meio que eu fiquei com um bloqueio de não estudar mais e não querer mais muito em relação a isso. E também o meu irmão, com o meu irmão também aconteceu uma coisa parecida, ele sempre quis ser jogador de futebol, e também era a única coisa que ele queria na vida e... ele também não conseguiu. Ele veio pro ****, ele chegou, a gente morava na época em ****... ele jogava no time de Ijuí, veio para o ****, era na época em que não tinha a lei Pelé, os times tinham os passes e tinham que comprar... hmmm... O time de **** tinha o passe dele, ele veio com outro menino que era goleiro do ****, e no momento da compra do passe, o time de **** dobrou o valor do passe e eles não compraram nenhum dos dois. Meu irmão teve que voltar, e eles nem aproveitaram ele em ****... e daí ficou isso, e daí o meu irmão também meio que se desiludiu e não teve também muita persistência, porque meio que foi um baque, ele meio que ficou cabisbaixo para o resto da vida. (pausa) E depois de alguns anos a história, a lógica da história se repetiu comigo, né?*

P9 falando sobre a posição minha consciência: *Porque eu acho que, eu estando com a consciência tranqüila eu consigo, atualmente, viver bem. Hmmm... o fato de saber que, se acontecer algo, que acharem que eu não fiz certo, e eu achar que eu fiz o que eu podia, e que tava correto o modo como eu agi, eu consigo não me preocupar muito, tipo me torturar ou sofrer porque estão achando que não era daquele jeito. Se eu tenho, pelo menos se eu sei, tenho a consciência tranqüila do que eu fiz, como eu deveria ter feito, eu não me preocupo muito com o resto. (longa pausa) Por exemplo, quando eu morava com a minha mãe, quando eu era adolescente, ela ficava – porque ela é professora, né – ela... eu nunca fiz nada, sempre*

fiquei quieta. Se falavam o que eu não podia fazer, eu não ia fazer e dizer que não fiz... e a minha mãe tinha a mania de ficar me atormentando, incomodando, porque ela achava bonito – eu falo isso para ela hoje: “Eu acho que tu achava bonito as tuas colegas tendo problemas com os filhos e queria ter também, então tu começou a me inventar problemas que eu não tinha”, e ficava me incomodando. Tá, obviamente eu me irritava com ela, brigava com ela, mas no fundo eu sabia que ela estava delirando, que não tinha nada daquilo, sabe? De ficar achando coisa... obviamente eu me irritava mas... eu sabia que não era verdadeiro. E... até quanto aos ratos, por exemplo, na hora de matar, eu sei que eu tenho que matar da maneira mais rápida possível para eles não ficarem sofrendo, eu tinha consciência disso. Por exemplo, com o choque, eu fiquei testando um choque que eu via que era desagradável para eles mas que não era sofrido, eu tinha consciência disso, eu testei, eu testava, em mim obviamente, o nosso corpo não se compara, então o choque em mim não era nada, mas mesmo assim eu ficava, e quando eu tinha que matar, eu... matava, eu sabia que pelo menos se tivesse algum problema, teria sido independentes de mim. Até, por exemplo, tem pessoas do laboratório que não queriam matar filhotes com tesoura porque não tinham coragem, mas é a melhor maneira de matar eles, porque eles morrem na hora... eu ficava apavorada, eu ficava esperando a pessoa terminar de fazer as coisas para eu ir matar, eu pegava e matava (risos). Rapidinho, assim, decepava a cabeça, tac-tac-tac, em série, né? E quando eu fazia operação, por exemplo, que era só operação teste, os ratos iam morrer de qualquer jeito, então quando eu sabia que a anestesia estava... a qualquer sinal de que a anestesia estava acabando, que eles estavam voltando, eu dava um monte de anestésico e matava depois, porque aí eu tava com anestesia demais para deixar o bicho acordar depois, mas pelo menos ele não sentiu nada quando tava sendo operado, depois, morreu mesmo. Morreu... morreu anestesiado. Embora nas primeiras vezes eu fosse deitar para dormir e ficasse com aquilo na cabeça, eu sabia que eu tinha feito da melhor maneira possível.

P17 sobre a posição mulher: Mulher, eu como mulher, é muito importante ter uma relação, sexual, a sexualidade, a realização pessoal, a vaidade, inclusive uma psicóloga me disse que eu dava muita importância para a aparência, porque o meu marido disse assim, disse pra ela que eu me arrumava bem para ir para o colégio... Por que eu preciso me arrumar bem para ir para o colégio? Porque eu preciso, eu sempre fui assim, daí eu falava da minha mãe, que era uma mulher bonita, magra, cabelos pretos, era delicada, a pele bonita, se vestia bem, aí a psicóloga me respondeu assim, foi psiquiatra até, que eu dava muito valor à aparência... Não sei se eu dou muito valor à aparência, eu sempre fui assim... Inclusive a minha tia, o meu pai, também são assim, então... Você quer assim, a mulher no lar, a mulher... no lar né, que seja dedicada, que eu sou dedicada... Eu achava que isso era importante, mas agora, depois de madura, eu acho que isso não é tão importante, porque não adianta a casa brilhando, todas as coisas no lugar, e eu infeliz como mulher... Não adianta eu aparentar um relacionamento para a sociedade, se eu não me

considero uma mulher para o meu marido. Tem várias histórias... (pausa)... A mulher que trabalha, uma mulher trabalhadora que luta, que vence as dificuldades... e que tenha liberdade, por exemplo, eu sou uma mulher mas eu não tenho essa liberdade... de escolher as minhas próprias amizades. O meu marido me tolera... tolera as – bitola as minha amizades, até por sinal agora ele ficou lá, não me perguntou porque, eu disse “vou terminar de responder um questionário”, mas ele não gostou muito, agora o porquê não sei (pausa).

P17 sobre a posição alguém que busca liberdade: Alguém que busca liberdade, quer dizer, alguém que seja livre, uma mulher que busca liberdade. Essa liberdade tem várias coisas, lutadora, que busca afeto, tem consciência... A liberdade no sentido de, dentro dos limites, escolher as minhas próprias amizades, e poder realizar os sonhos (pausa). Por exemplo, eu escrevia poesias, e agora eles me bitolaram, ele não querem mais que eu escreva, o meu marido e os meus filhos... Então eu me sinto assim, frustrada diante dessa situação, por isso que eu falo em busca da liberdade (pausa).

P5 sobre seu lado brincalhona: é uma coisa que muitas pessoas notam em mim, é uma lembrança que eu deixo nas pessoas, eu gosto de fazer piada o tempo inteiro, eu gosto de brincar com as coisas, mesmo quando elas são sérias, eu acho que... E é tipo assim, eu sou quase aquele tipo de pessoas que perde o amigo mas não perde a piada. Às vezes eu me contenho, quando eu vejo que a piada vai mais machucar a pessoa, mas quando eu vejo uma abertura, da pessoa em relação ao meu jeito de ser brincalhona, eu não perdôo, normalmente. E também que, por exemplo, o meu pai também é uma pessoa brincalhona, e ele faz piada o tempo inteiro com tudo, então é uma coisa que eu - e ele sempre foi assim, é uma coisa que eu cresci gostando desse jeito dele e... (pausa). Eu quando eu percebi isso em mim eu acabei cultivando, e eu sempre considerei isso uma característica positiva dele que eu buscava ter também. Meu humor é mais irônico, às vezes, eu acho... que depende muito de como eu tô me sentindo, sabe, como eu consigo... Eu acabo fazendo piada com qualquer coisa, né, às vezes é humor negro... na maioria das vezes é uma coisa mais irônica assim... Não sei eu, toda vez que me pedem para eu contar alguma coisa assim específica sobre uma coisa que eu considero geral eu não consigo me lembrar de um caso, assim, mas, por exemplo, uma amiga minha, que por sinal é aquela a que eu me referi quando eu marquei “minha amiga”(a posição)...ela..hmmmm...tem bastante contato com a nossa família, em geral, assim, e...é uma coisa que marcou ela muito na primeira vez que ela foi lá em casa, que a nossa família ta sempre, hmmm...como é que eu vou dizer, a minha família inteira não só o núcleo familiar como pai e mãe e irmãos, como toda a família do meu pai quando eu vou visitar eles é sempre assim, a gente não pode deixar a bola “picando”, como se chama, sempre vem alguém pra chutar, e é... assim... que é...que...que...qualquer coisinha assim que sobra é motivo de piada, uma coisa

que tu fala errado, o meu pai por exemplo adora fazer piada infame, trocadilho, essas coisas assim, sabe?
Então, não sei, não consigo me lembrar...

ANEXO G

Dados da Matriz de Posições Internas e Externas dos Participantes da Análise Qualitativa (em ordem numérica)

P5

	Posição Externa / Posição Interna P5						
		Minha mãe	Meu pai	Meu amigo	Meu/minha ex-companheiro/a	Minha casa	Algo na natureza
Filho/filha dos meus pais		5	5	2	0	5	3
Brincalhão/ona		3	5	4	0	5	0
Dominador/a		5	0	3	2	4	0
Perfeccionista		2	3	0	0	0	0
Otimista		0	0	1	0	4	3
Desiludido/a		0	0	2	5	1	5
Cética		5	2	5	5	0	5
Total		20	15	17	12	19	16

P9

	Posição Externa / Posição Interna P9													
		Minha mãe	Meu pai	Meu irmão	Meu primo/prima	Um/a conhecido/a	Meu/minha professor/a	Meu colega de trabalho	Meu amigo	Um personagem em um livro	Uma personalidade da música	Meu animal de estimação	Um grupo ao qual pertença	Minha casa
Mulher		4	5	3	2	1	0	0	3	0	0	0	0	0
Colega de trabalho		4	0	4	0	0	2	5	2	0	0	0	5	4
Profissional		5	0	4	0	0	2	3	1	0	0	0	2	3
Indeciso/a		5	4	2	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0
Compreensivo/a		3	0	3	0	2	1	0	4	2	0	4	0	2
Alguém que busca reconhecimento		3	3	2	3	0	0	0	2	0	0	0	1	2
Exigente		2	0	1	0	0	2	0	1	0	0	1	0	0
Vulnerável		4	3	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Desiludido		4	4	4	1	0	0	0	5	2	2	0	0	0
Minha consciência		1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1
Alguém que aproveita a vida		3	1	3	1	1	0	2	4	1	1	5	3	4
Pessimista		4	4	3	1	0	0	0	2	0	0	0	0	0
O ponto fraco do meu corpo		5	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total		47	29	31	13	4	7	10	27	5	3	11	11	16

P17

Posição Externa / Posição Interna P17	Meu marido /companheiro	Minha mãe	Meu pai	Meus filhos	Meu irmão	Minha irmã	Um/a conhecido/a	Um/a colega de aula	Meu colega de trabalho	Meu amigo	Uma figura no meu sonho	Um personagem em um livro	Uma personalidade da música	Alguém que está morto	Alguém na minha imaginação	Alguém que eu admiro	Alguém que eu amo	Uma pessoa problemática	Meu/minha ex-companheiro/a	Meu animal de estimação	Um grupo ao qual pertença	Minha casa	Algo na natureza	Total
Mulher	1	5	3	4	4	2	5	3	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	3	5	5	99
Mãe	0	4	4	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	18
Filho/filha dos meus pais	0	5	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	14
Esposa	2	0	0	4	0	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0	5	5	26
Profissional	5	5	0	5	0	4	0	4	4	5	5	0	0	0	0	0	5	0	0	0	4	5	5	56
Alguém que busca liberdade	5	5	5	5	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5	35
Idealista	5	5	5	5	5	5	5	0	5	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5	55
Alguém que busca afeto	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	0	0	0	0	0	5	0	0	0	4	5	5	74
Dependente	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5	13
Sexual	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Indeciso/a	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
Lutador/a	5	5	5	5	5	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	114
Alguém que busca superar limites	4	5	5	5	5	4	4	4	5	5	5	0	0	0	5	5	5	3	3	0	0	0	0	72
Alguém que busca reconhecimento	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Exigente	5	4	5	5	3	3	0	3	3	3	5	0	0	0	0	5	4	3	5	0	0	4	5	65
Ciumento/a	5	0	0	5	0	0	0	0	0	5	5	0	0	0	5	5	5	0	5	0	0	3	5	48
Perfeccionista	4	5	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0	0	0	5	5	5	5	5	0	5	5	5	76
Desiludido/a	5	0	3	5	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	5	5	3	5	0	2	0	0	38
Minha consciência	3	5	3	3	0	0	0	0	0	3	3	0	0	0	0	5	5	0	0	0	3	5	5	43
Sonhador/a	3	0	3	5	5	5	4	4	4	4	5	0	0	5	5	5	5	3	5	0	0	5	5	80
Meu lado feminino	5	0	0	3	0	0	0	0	0	0	5	0	0	0	5	3	3	3	5	0	0	0	0	32
A criança em mim	1	1	1	1	0	0	1	2	2	2	5	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	17
Temeroso/a	4	0	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9
O ponto forte do meu corpo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Eu sou comigo mesmo/a	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	92
Eu me mostro em público	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	81	63	58	82	44	40	35	37	45	54	70	15	14	19	39	52	66	34	47	13	30	66	79	

P19

	Posição Externa / Posição Interna P19	Meu marido /companheiro	Minha mãe	Meus filhos	Meu irmão	Meu amigo	Alguém que está morto	Meu animal de estimação	Um grupo ao qual pertenço	Total
Mulher		4	4	4	4	3	4	4	3	30
Mãe		3	4	4	4	3	3	4	3	28
Esposa		4	4	4	3	3	0	0	0	18
Colega de trabalho		0	0	0	0	4	0	0	4	8
Profissional		3	3	3	3	4	0	0	4	20
Idealista		4	2	4	4	3	0	0	3	20
Místico/espiritual		1	3	3	3	3	4	0	3	20
Indeciso/a		2	2	3	3	3	0	0	3	16
Lutador/a		4	4	4	4	3	0	0	3	22
Compreensivo/a		5	4	4	4	4	0	4	4	29
Alguém que busca superar limites		3	3	3	3	3	0	0	3	18
Exigente		4	4	4	4	3	0	3	3	25
Perfeccionista		4	4	4	4	3	0	3	3	25
Vulnerável		3	3	3	3	3	0	3	3	21
Sonhador/a		4	4	4	3	3	2	2	3	25
Meu lado feminino		4	3	3	3	3	0	0	3	19
Eu sou comigo mesmo/a		3	2	3	3	3	0	2	3	19
Eu não sou sociável		2	2	2	2	3	0	0	3	14
Total		57	55	59	57	57	13	25	54	

P24

	Posição Externa /Posição Interna P24	Meu marido /companheiro	Meu pai	Meu irmão	Minha irmã	Um/a conhecido/a	Meu amigo	Uma figura no meu sonho	Um personagem em um livro	Uma personalidade da música	Uma pessoa problemática	Total
Mulher		4	2	5	5	4	4	5	4	4	0	37
Mãe		2	1	3	3	4	4	4	3	4	1	29
Filho/filha dos meus pais		1	3	2	3	3	3	4	3	3	1	26
Esposa		4	1	2	3	3	3	3	4	2	2	27
Brincalhão/ona		5	4	4	5	4	4	3	3	2	3	37
Místico/espiritual		5	4	3	5	4	4	3	3	2	1	34
Sacrificado/a		2	2	0	0	2	2	1	0	1	3	13
Compreensivo/a		5	4	3	4	3	3	3	3	3	3	34
Perfeccionista		3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	29
Otimista		4	3	5	5	4	4	3	4	4	3	39
Alguém que aproveita a vida		4	4	4	4	3	3	3	3	4	1	33
A criança em mim		5	3	4	4	3	4	3	4	2	2	34
O ponto forte do meu corpo		5	4	4	4	4	4	3	4	4	3	39
Total		49	37	42	48	44	45	41	41	38	26	

P25

	Posição Externa /Posição Interna P25	Minha mãe	Meu pai	Meu avó	Minha avó	Meu animal de estimação	Um grupo ao qual pertenço	Minha casa	Total
Filho/filha dos meus pais		4	5	5	5	3	4	5	31
Colega de trabalho		2	5	5	4	3	5	5	29
Profissional		4	5	5	4	3	5	5	31
Membro de uma comunidade		3	5	5	5	3	4	5	30
Idealista		4	5	5	4	4	5	5	32
Independente		3	4	4	4	3	4	5	27
Brincalhão/ona		2	4	4	4	4	5	5	28
Místico/espiritual		3	3	3	3	3	4	5	24
Lutador/a		2	4	4	3	3	4	4	24
Alguém que busca superar limites		3	4	4	4	4	5	4	28
Exigente		5	4	3	3	4	4	4	27
Ciumento/a		2	4	4	4	4	4	5	27
Sonhador/a		3	4	4	3	3	4	4	25
Total		40	56	55	50	44	57	61	

P30

	Posição Externa /Posição Interna P30	Minha mãe	Meu pai	Meu irmão	Meu avô	Minha avó	Meu amigo	Meu/minha namorado/a	Uma personalidade na TV	Alguém que eu admiro	Alguém que eu amo	Uma pessoa problemática	Meu/minha ex-companheiro/a	Meu animal de estimação	Um grupo ao qual pertenço	Minha casa	Total
Mulher		5	5	2	2	5	5	5	5	5	2	2	5	1	5	4	58
Mãe		5	5	5	2	5	4	4	1	1	5	5	5	5	1	1	54
Filho/filha dos meus pais		5	5	5	5	5	5	5	1	1	1	5	5	5	5	5	63
Profissional		5	5	1	1	1	5	5	1	5	5	5	5	1	5	5	55
Brincalhão/ona		3	2	2	2	2	5	5	5	5	5	1	5	5	5	2	54
Místico/espiritual		1	1	1	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	0	8
Alguém que busca afeto		5	5	5	5	5	5	5	1	5	5	5	5	5	5	5	71
Sexual		1	1	1	1	1	5	5	5	5	5	1	5	0	5	0	41
Compreensivo/a		5	3	5	5	5	5	5	1	5	5	5	5	1	5	0	60
Alguém que busca reconhecimento		5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	75
Vingativo/a		3	3	5	0	5	5	5	0	3	3	5	5	0	5	0	47
Exigente		5	5	5	4	4	4	3	0	5	5	5	5	3	4	4	61
Ciumento/a		5	5	5	5	5	5	5	0	5	5	5	5	5	5	5	70
Perfeccionista		3	3	2	2	2	5	5	1	5	5	1	1	5	5	5	50
Alguém que aproveita a vida		4	4	1	1	1	5	5	0	5	5	5	5	5	5	3	54
Sonhador/a		4	4	1	1	1	1	1	5	5	5	1	1	1	1	1	33
Meu lado feminino		5	5	1	1	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	67
A criança em mim		5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	75
Materialista		4	4	4	5	5	5	2	5	5	5	2	5	0	5	5	61
O ponto forte do meu corpo		5	5	1	1	1	5	5	5	5	5	5	5	0	5	0	53
O ponto fraco do meu corpo		5	5	5	1	1	5	5	5	5	5	5	5	0	5	0	57
Eu me mostro em público		1	1	1	1	1	3	3	1	5	5	1	5	0	5	3	36
Total		89	86	68	55	70	97	93	57	100	96	79	97	57	96	63	

P32

Posição Externa / Posição Interna P32	Minha esposa/companheira	Minha mãe	Meu pai	Minha irmã	Meu/minha professor/a	Meu colega de trabalho	Meu amigo	Uma personalidade da música	Alguém que eu admiro	Um grupo ao qual pertença	Total
Eu como... Homem	4	4	4	2	2	2	2	2	5	2	29
Filho/filha dos meus pais	0	4	4	0	0	0	2	0	4	0	14
marido	4	4	4	4	0	2	3	0	5	0	26
Colega de trabalho	0	3	3	2	4	4	4	2	4	3	29
Profissional	3	5	5	4	4	4	4	0	5	3	37
Membro de uma comunidade	3	3	3	3	1	3	3	0	3	2	24
Independente	4	4	3	2	1	0	3	0	4	2	23
Místico/espiritual	0	5	0	4	0	0	2	2	2	0	15
Alguém que busca afeto	3	2	4	2	0	2	3	0	3	0	19
Dependente	3	3	3	0	0	2	0	0	1	0	12
Sexual	2	3	4	0	0	2	4	0	3	2	20
Indeciso/a	0	3	3	0	0	0	1	0	1	2	10
Lutador/a	3	4	4	3	3	2	4	2	5	3	33
Compreensivo/a	4	4	4	4	2	0	4	0	4	0	26
Dominador/a	2	4	4	3	2	2	2	1	4	3	27
Alguém que busca superar limites	2	3	4	3	2	1	4	0	5	0	24
Traidor/a	0	3	4	0	0	2	4	1	0	3	17
Alguém que busca reconhecimento	3	4	4	2	2	2	4	2	5	2	30
Vingativo/a	0	3	2	3	0	3	2	0	1	3	17
Exigente	0	5	3	2	3	1	2	0	4	2	22
Ciumento/a	2	2	2	3	0	3	3	0	2	1	18
Vulnerável	0	3	3	3	3	4	4	0	3	3	26
Desiludido/a	2	2	3	2	1	4	2	0	0	2	18
Minha consciência	3	4	3	1	2	0	3	0	5	0	21
Sonhador/a	2	4	3	3	0	2	3	2	4	1	24
Meu lado masculino	0	4	3	3	0	0	1	0	3	0	14
Temeroso/a	0	3	3	3	0	2	2	0	2	3	18
Materialista	3	4	4	2	0	3	3	2	3	3	27
O ponto forte do meu corpo	0	3	3	3	2	3	2	0	3	3	22
O ponto fraco do meu corpo	0	2	2	1	2	2	2	0	2	2	15
Eu me mostro em público	3	4	5	0	3	3	4	3	4	4	33
Total	55	108	103	67	39	60	86	19	99	54	

P37

	Posição Externa /Posição Interna P37														
		Minha mãe	Meu pai	Minha irmã	Meu primo/prima	Meu avô	Minha avó	Um/a conhecido/a	Meu amigo	Alguém que eu admiro	Alguém que eu amo	Meu/minha ex-companheiro/a	Meu animal de estimação	Minha casa	Total
Mulher		4	3	4	2	0	2	2	2	4	3	4	0	0	30
Filho/filha dos meus pais		5	5	5	4	4	4	2	3	1	3	3	3	4	46
Alguém que busca liberdade		4	4	3	2	2	2	1	4	4	4	5	2	3	40
Alguém que busca afeto		4	4	2	2	3	3	2	3	4	4	4	4	0	39
Dependente		5	4	4	2	1	1	1	3	2	4	3	3	4	37
Indeciso/a		5	3	4	0	0	0	1	3	4	4	1	0	1	26
Compreensivo/a		4	4	4	2	3	3	4	5	5	5	4	4	2	49
Aventureiro/a		3	2	2	2	0	0	4	5	4	4	4	0	0	30
Alguém que busca reconhecimento		4	5	3	2	4	4	3	3	5	4	2	0	0	39
Vulnerável		5	3	4	3	3	3	3	5	4	5	2	2	2	44
Minha consciência		5	5	5	4	4	4	4	5	5	5	1	0	0	47
Alguém que aproveita a vida		3	3	4	3	0	0	2	4	3	4	4	3	3	36
Sonhador/a		2	4	3	3	2	2	2	4	4	4	2	1	1	34
A criança em mim		4	5	5	4	5	5	2	4	3	4	4	5	5	55
Temeroso/a		5	5	3	1	3	3	2	3	3	4	2	4	3	41
O ponto fraco do meu corpo		2	2	4	3	0	0	3	3	3	4	4	0	0	28
Eu sou comigo mesmo/a		5	5	5	2	3	3	2	4	4	4	1	2	2	42
Total		69	66	64	41	37	39	40	63	62	69	50	33	30	

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)